

Memória e Feminismos

os lugares e os saberes
nas margens do Porto

ÍNDICE

Introdução

4

Domicília Costa

8

Esmeralda Mateus

26

Maria de Lurdes Domingues (Lurdinhas)

56

Texto de Ana Lúcia Massas

58

Texto de Eduarda Ferreira

61

Texto de Manuela Tavares

65

Texto de Maria José Araújo

68

Texto de Maria José Magalhães

79

INTRODUÇÃO

O projeto Memória e Feminismos: os lugares e os saberes, encontra-se na sua 4ª edição. Neste contexto quis dar voz às mulheres de aldeias isoladas da região de Viseu e ouvir as vozes de mulheres das margens do Porto. Estas são mulheres cujas vivências as situam nas margens de uma cidade cosmopolita e tradicional. São três mulheres que em períodos históricos diferentes dedicaram a sua vida à luta pela liberdade, pelos direitos humanos e pela igualdade de género.

Domicilia Costa, antifascista, viveu na clandestinidade dos 7 aos 24 anos, acompanhando os pais em várias casas do Partido Comunista. Não foi à escola, nem brincou como outras crianças, despreocupadamente. A sua infância e adolescência não foram certamente, semelhantes às de outras crianças. Com o 25 de Abril e a restauração da liberdade, Domicilia Costa seguiu o seu percurso de vida, como ativista social e política. Mais tarde adere à causa feminista. Nas eleições legislativas de 2015, é eleita como deputada para a Assembleia da República, cargo que exerce desde então.

Esmeralda Mateus, oriunda de um bairro periférico da cidade do Porto, trabalhou, desde muito cedo, numa fábrica de conserva de peixe. Ainda antes do 25 de Abril, começa a fazer trabalho político e sindical. Com o 25 de Abril, abraça a luta pelos direitos das mulheres. Assume-se como ativista na luta por uma habitação condigna para todos/as. Há muitos anos Presidente da Associação de Moradores do Bairro de Aldoar, foi condecorada pelo Presidente da Câmara do Porto (Rui Rio), com medalha de Mérito Social. Há muito que a sua imagem de mulher combativa e atuante extravasa as margens do bairro.

Pela primeira vez, neste projeto, iremos incluir retalhos de uma história de vida, não por voz própria, mas através de testemunhos de pessoas que com ela conviveram. Trata-se de Lurdes Domingues, que embora doente se tinha disponibilizado para nos dar o seu depoimento. Na última vez que falámos, para marcar o dia da entrevista, que não se realizou, devido ao agravamento do seu estado de saúde, que a aniquilou, ainda abriu pistas sobre a sua vida.

Lurdes Domingues, ou Lurdinhas (era assim que era conhecida) foi militante política, ativista sindical, feminista, ativista dos movimentos LGBT e uma mulher sempre presente nas lutas contra todas as formas de discriminação e opressão.

De suave sorriso, a todos/as escutava com atenção, para depois os/as questionar e suscitar o debate. A sua inquietação e enorme vontade de aprender, levaram-na nos últimos anos de vida à faculdade. O curso de que tanto gostava foi abruptamente interrompido.

Dando toda a generosidade a favor dos outros/as, ela era o outro/a em todas as causas que abraçava como suas.

São três mulheres que das fraquezas fizeram a força. Do individual passaram ao coletivo, numa constante luta pela igualdade.

É pois, com imenso orgulho que vos deixamos estes retalhos de vida de três grandes mulheres nas margens do Porto, com vista à centralidade que merecem no processo histórico.

Um profundo agradecimento a Ana Paula Canotilho, professora, feminista e artista plástica do Porto, que generosamente contribuiu com a ilustração da capa.

Agradecimento extensível a todas as autoras dos depoimentos sobre a Lurdinhas: Ana Lúcia Massas, Eduarda Ferreira, Manuela Tavares, Maria José Araújo e Maria José Magalhães.

Para a execução da brochura contamos ainda com o trabalho voluntário das umaristas, Carla Kristensen e Manuela Tavares.

A todas um grande obrigada.

Teresa Sales

Coordenadora do Projeto
Memória e Feminismos: os lugares e os saberes

*DOMICÍLIA
COSTA*



“

O feminismo veio antes de eu saber que a palavra existia, Havia coisas que achava bem. Então, comecei a pensar que não tinha sentido nenhum os rapazes terem a chave de casa, para poderem sair à noite enquanto as raparigas não podiam sair.

“

Chamo-me Domicília Costa, nasci em Alhandra, a 25 de Janeiro de 1946 e por isso tenho 70 anos

Chamo-me Domicília Costa, nasci em Alhandra, a 25 de Janeiro de 1946 e por isso tenho 70 anos. Moro em Vila Nova de Gaia, mas normalmente digo que moro no Porto. Sou viúva.

Desde o dia 23 de Outubro de 2015, exerço as funções de deputada na Assembleia da República

Os meus pais eram operários, o meu pai era carpinteiro e a minha mãe trabalhou em várias casas como criada de servir. Os meus pais conheceram-se em Alhandra, embora nenhum deles fosse de Alhandra. O meu pai nasceu em Lisboa mas foi ainda em catraio viver para Alhandra e por lá ficou. A minha mãe era duma aldeia que pertence a Cardoso, em Arruda dos Vinhos e depois de ter trabalhado em várias casas, foi parar a Alhandra. E terá sido aí que os meus pais se conheceram. Entretanto, a minha mãe foi trabalhar para a mesma fábrica que o meu pai. Depois eles casaram-se e eu nasci. A minha mãe continuou ainda algum tempo a trabalhar na fábrica. Houve um despedimento colectivo e a minha mãe foi uma das que foram despedidas, pois geralmente os despedimentos recaem quase sempre sobre as mulheres. A partir daí ela nunca mais teve nenhuma profissão. E eu, que até essa altura estava numa ama, vim para casa com a minha mãe. No início de 1953, o meu pai deixa a fábrica onde continuava a trabalhar e fomos para a clandestinidade.

O meu pai participou da greve e teve mesmo que andar fugido da guarda, lá pelos campos

Penso que o meu pai já era do Partido Comunista, mesmo antes de eu ter nascido. Houve uma onda de greves naquela região em 1944. O meu

pai participou da greve e teve mesmo que andar fugido da guarda, lá pelos campos. Homens e mulheres foram metidos na Praça de Touros de Vila Franca, depois trouxeram-nos de camioneta para Lisboa: uns foram para o Aljube, outros para o Governo Civil. Houve mulheres que também ficaram presas durante meses. Nem o meu pai, nem a minha mãe chegaram a ficar presos, mas nessa altura o meu pai já era seguramente do Partido Comunista.

Em 1952, comecei a frequentar a escola, durante quase 2 anos. Já estávamos naquilo que a gente considerava uma semi-landestinidade, porque cada um de nós usava ainda o nome verdadeiro, mas já não contactávamos com a família e a família não sabia o que era feito de nós. Desaparecemos pura e simplesmente! Em Maio de 1954, é que entrámos verdadeiramente na clandestinidade porque o meu pai passou a usar o nome que não era o dele, a minha mãe era Maria, continuou a ser Maria e eu, aos 9 anos, atendendo ao nome que eu tinha, que não era nada vulgar também não era conveniente que eu o continuasse a usar, pediram-me que escolhesse um nome. E escolhi o que me veio à ideia, Deolinda, começava por “D” e Deolinda assim ficou. Embora, ao fim e ao cabo, ninguém me tratasse por esse nome.

Fomos mudando de casa frequentemente. Estivemos no Porto cerca de 6 meses, em várias casas no seu conjunto.

A minha mãe não pôde fazer a transferência de escola sem comprometer a nossa identidade. A partir daí não pude mais frequentar a escola

Mas antes disso, quando em Maio de 1954 fomos para o Porto eu tive que deixar a escola. Até essa altura, ainda permitiam que a minha mãe fosse à escola e pedisse a minha transferência, sempre que tínhamos

que mudar de casa. Em 1954, quando a minha mãe vai à escola pedir a transferência porque íamos para o Porto, disseram-lhe que já não lhe iam dar a transferência, pois era obrigatório dar a morada para onde nós íamos, uma vez que a transferência se fazia de escola para escola. E, ela não o podia fazer, sem comprometer a nossa identidade.

A partir daí já não pude frequentar mais a escola.

Durante a clandestinidade, houve vários episódios engraçados e que ainda recordo

Na clandestinidade, comecei a ajudar os meus pais assim em coisinhas muito simples como dobrar panfletos, quando tinha entre os 9 e os 10 anos. Aos 11 anos, já comecei a ajudar o meu pai e a minha mãe, em trabalhos tipográficos, quando o trabalho era muito. Chegávamos a estar lá os três na tipografia clandestina, a compor, a imprimir, etc.

Ao longo de todos estes anos em que eu e os meus pais estivemos a viver na clandestinidade, sempre a mudar de morada para não sermos descobertos, houve vários episódios engraçados e que ainda recordo. Um deles foi, quando morávamos nas Torcatas, em Almada, muito perto do Seminário durante uns 2 meses mais ou menos, (antes tínhamos morado na Cova da Piedade). Uns 15 dias depois de a gente lá estar, a minha mãe repara através da janela, num carro parado, com um homem lá dentro.... Ficámos desconfiados e tirámos a conclusão que era um PIDE que estava ali à procura de alguém. Não estaria à nossa procura, porque nós não éramos conhecidos da Polícia. Por via das dúvidas, eu saí com a minha mãe, já ao início da noite, a darmos ali umas voltas para ver se o homem vinha atrás de nós. Não! Passámos mesmo rente ao carro e o homem não nos ligou nenhuma. Chegámos à conclusão de que o homem não tinha nada a ver connosco. Mas o camarada que nos

controlava tinha fugido pouco antes da prisão e não sabíamos se era atrás dele que eles andavam, se era atrás de outro.

Estivemos depois cerca de um mês na Trafaria. Em Junho estava um tempo magnífico e toda a gente ia para a praia. Aconteceu que uma vez íamos com malas, apanhar o barco no Porto Brandão, para irmos para Lisboa. Íamos para uma casa que entretanto o meu pai tinha arranjado, no Alto de Santo Amaro. Transportávamos connosco malas, uma gata dentro de uma pasta, o rádio e muitas outras coisas. Acho que fomos para Porto Brandão de táxi, e depois pousámos aquilo tudo, o estendal, junto ao barco, à espera que o barco partisse. Entretanto chegou, um guarda-republicano. É claro que um guarda-republicano é um polícia, não é? Mas apesar do nosso receio, o meu pai meteu conversa com o homem, em vez de o homem vir perguntar qualquer coisa e dizer algo como: “Então, onde é que vocês vão?”, o meu pai começou-lhe a falar de futebol ou de qualquer outra coisa. Eu só sei é que eu e a minha mãe achámos piada ao meu pai ter metido conversa com o guarda-republicano. O meu pai que não era nada falador, gostava mais de ouvir do que de falar... A cena correu lindamente, viemos com o guarda no barco e lá seguimos a nossa vida.

Mas houve assim vários episódios engraçados.

As mudanças de casa não eram directas, havia sempre um corte

As mudanças de casa não eram directas, não íamos directamente duma casa para a outra, se não, mais valia deixar nos estar onde estávamos.

Havia sempre aquilo que a gente chamava um corte. Íamos até um determinado sítio. Carregávamos connosco galinhas e galos, um coelho ou dois, e a gata. E então uma vez, num Verão, o meu pai alugou uma

camioneta para se meter para lá os móveis, e nós também íamos dentro da camioneta. Como não podíamos ir assim directamente para a próxima casa, parou-se ali mesmo à beira duma estrada, na orla dum pinhal, já era mesmo ao fim da tarde. O meu pai mandou o homem da camioneta ir-se embora. Depois ficámos à espera da outra camioneta que nos levaria para a nova casa. Nisto passam dois homens de bicicleta a conversar e diz assim um para o outro “Eh pá, tu já viste, ‘está ali aquela gente com malas, com coisas” E diz assim o outro, parecendo chateado: “Eh pá, deixa lá, foi algum despejo”. Achámos piada...

Houve outras coisas, por exemplo no Alto de Santo Amaro descobrimos que por baixo de nós morava um agente da PIDE. Nós morávamos no 2º andar e foi um pouco esquisito.

Acredito que a intenção do Partido era pôr-me em contacto com a vida real

Fiquei a viver na clandestinidade desde os 7 anos até aos 24 anos.

Os meus pais estiveram clandestinos durante 21 anos, até se ter dado o 25 de Abril.

Saí da companhia dos meus pais aos 20 anos.

Quando tinha 20 anos, o Partido entendeu que eu devia ir trabalhar por conta dum patrão ou duma patroa, e eu fui. Ainda estava a viver com os meus pais quando trabalhei, cerca de 3 anos, na costura, ainda na clandestinidade.

Acredito que a intenção do Partido era pôr-me em contacto com a vida real, ao fim e ao cabo, pois eu tinha ali uma vida que não era muito normal. Só convivia com os meus pais e com os camaradas que iam lá a

casa reunir, ou que viviam connosco, temporariamente. E eles [Partido] disseram que estava na hora de eu ir trabalhar fora de casa, ou seja lidar com colegas e patrões, portanto conhecer o mundo do trabalho. Chegaram a arranjar-me um bilhete de identidade, que eu também nunca usei, com o nome falso de “Deolinda”, mas que serviria para uma qualquer eventualidade. Eu gostava de ler, e sugeri trabalhar numa livraria, num quiosque mas disseram que não podia ser com receio de alguma inspecção do trabalho. Trabalhar numa fábrica também não poderia ser, pelas mesmas razões, portanto fui para a costura. Fui para a costura e gostei. Não gostei do que me pagavam, mas gostei do trabalho. Nenhuma de nós, trabalhadoras, estava sindicalizada, éramos umas 20. Ninguém estava inscrito na Caixa de Previdência, nem nada! Ninguém tinha direito a coisa nenhuma. Se estavam doentes, não trabalhavam, não ganhavam, pronto. Não havia subsídios, não havia coisíssima nenhuma.

Trabalhei nesse sítio durante pouco tempo. De cada vez que mudávamos de casa, eu mudava de patrão, ia à procura de outra coisa, sempre no mesmo ramo.

Quando tinha 20 anos perguntaram-me se eu aceitava “montar uma casa”. Era um casamento completamente fictício

Quando tinha 20 anos disseram-me que precisavam de alguém para montar, era o termo usado “montar uma casa, uma instalação” e perguntaram-me se eu aceitava.

E eu, pronto, já que fui trabalhar e não queria, agora ia “casar” sem querer. Quer dizer, eu sabia o que ia acontecer, não sabia era com quem é que era. Eu sabia que alguns que montavam casa passavam por ser filhos da outra pessoa, viviam com um filho ou filha e não lhes eram

nada. Portanto, eu não sabia se ia viver com um pai, se com uma mãe, se era com um irmão ou se era com um marido, não sabia com quem era e isso também não interessava. E lá fui. Bom, e então foi assim desde Abril de 1966, tinha 20 anos, até Janeiro de 1970. Era um casamento completamente fictício.

Entretanto depois deu-se o Maio de 1968, em Paris, houve o problema da Checoslováquia, houve a nomeação do Marcelo Caetano, depois do Salazar ter caído da cadeira.

No princípio de 1970, eu saí do Partido, porque ao longo destes anos todos tinha havido algumas situações que eu e os meus pais ainda tínhamos vivido e que eu achava que não tinham sido correctamente tratadas. No entanto isso não impedia que continuássemos. Contudo, houve outros factores e eu decidi sair, em solidariedade com uma situação que não me dizia respeito, mas que entendi que devia apoiar.

Como não tinha cá modo de vida, afinal estava na clandestinidade, fui para França

Como não tinha cá modo de vida, afinal estava na clandestinidade, fui para França.

O plano era chegar lá e arranjar um trabalho. Não foram eles, directamente, que me deram trabalho. Levaram-me a uma Instituição que dava apoio, particularmente a refugiados políticos, de vários países. Foi através dessa organização que me arranjam trabalho.

O meu primeiro trabalho foi como interna e ajudante de cozinheira. Não usei o meu bilhete de identidade falso. Era necessário ter um contrato de trabalho, de pelo menos três meses, para poder estar legalmente em França.

Um dia alguém me tinha falado em destruir a minha cédula de nascimento. Nunca o fiz, tenho lá a minha passagem da 1ª para a 2ª classe. E foi a cédula de nascimento que eu usei nessa altura. Quero dizer, aquilo tanto podia ser minha como podia ser de outra pessoa qualquer. Eles não tinham como saber se aquilo era meu ou não. Nem sequer tinha fotografia! Deram-me uma autorização de residência temporária, por 3 meses.

A tal Instituição arranjou-me isso e eu fui então trabalhar para um lar de raparigas.

Gostei, o ambiente era bom, éramos poucas pessoas, e dei-me bem com os colegas.

Conheci o meu marido. Ele era refugiado, embora não tivesse esse estatuto

Depois aí, é que conheci o meu marido.

Ele era refugiado, embora não tivesse esse estatuto

A 1ª vez que ele foi preso, tinha 20-21 anos e foi por andar a recolher assinaturas a favor da Paz. Foi preso por causa disso.

Com o cadastro que tinha, ele conseguiu tornar-se funcionário público e às tantas houve quem falasse dele, mas a PIDE não acreditava que fosse a mesma pessoa, pois ele era funcionário público. Foi denunciado por um funcionário do Partido Comunista e ficou 6 meses na prisão. Ele negou sempre, mesmo a ser acareado com outros, ele negou sempre. Então, ele foi pela 1ª vez para França.

Voltou a Portugal nas eleições de 1969, quando estive a trabalhar com a CDE Comissão Eleitoral Democrática, com ligações ao PCP. Nestas

eleições concorreram também pela oposição ao Regime as listas da CEUD Comissão Eleitoral de Unidade Democrática, ligada a Mário Soares¹. Perdeu-se as eleições e ele foi outra vez para França. Foi nessa época que nós nos conhecemos. Depois casámos, ficámos em França quase 5 anos, lá nasceu o meu filho mais velho.

Nós vivíamos muito mal, a verdade se diga, quase todo o tempo que lá estivemos vivíamos em quartos, quase se pode dizer cada um pior que o outro.

Vivemos num quarto de hotel, de 3 andares, nos limites de Paris, onde havia uma única casa de banho, ao fundo do corredor, que dava para aqueles quartos todos e era só apenas para fazer as nossas necessidades fisiológicas, não dava para mais nada, não havia sequer um chuveiro.

Entretanto, quando o nosso filho esteve doente e teve que ser internado com uma bronquite um bocado séria, houve uma assistente social que nos arranhou uma casa num bairro da Câmara. E então aí ficámos com aquecimento, com as comodidades básicas, incluindo uma casa de banho. E quando estávamos bem instalados, deu-se o 25 de Abril, um mês depois de estarmos ali na casa. E lá começámos a pensar em voltar, e regressámos. Logo que ele foi reintegrado, viemos para cá.

Deu-se o 25 de Abril e viemos a Portugal em Agosto de 1974. Ele pediu a reintegração na função Pública e regressámos no início de 1975. Instalámo-nos onde eu vivo actualmente [Vila Nova de Gaia]. Tenho 2 filhos: um nascido em Paris, o outro cá, já, em 1977.

1 As eleições legislativas de 26 de Outubro de 1969, foram as primeiras realizadas após a saída de Salazar da Presidência do Conselho. Decorrem num período de aparente abertura política, designada por “primavera marcelista”. Concorreram 4 listas: a União Nacional ligada ao regime e pela oposição CDE; CEUD e Comissão Eleitoral Monárquica. As eleições foram ganhas pela União Nacional que elegeu a totalidade dos 120 deputados. As listas oposicionistas não conseguiram eleger qualquer deputado. Estas eleições, vieram a comprovar que a dita primavera marcelista, não tinha passado de uma quimera.

Quando cheguei cá, tratei em primeiro lugar de fazer a 4ª classe como adulta

Eu estudei em Paris, nos primeiros meses, depois deixei. Inscrevi-me na Alliance Française e pensei tirar um curso, que me poderia dar a possibilidade, se algum dia voltasse para Portugal, de dar cá lições de francês: Era uma coisa que desde miúda sonhei... vir a ser professora. Ou era costureira, ou era professora. Acabei por desistir, acabei por não tirar curso nenhum. Quando cá cheguei, tratei em primeiro lugar de fazer a 4ª classe como adulta. Depois matriculei-me na escola onde mais tarde andaram os meus filhos a fazer o ciclo. Quando nasceu o meu filho mais novo, ainda fiz o actual 7º ano (na altura era 2º ano do Ciclo Preparatório). Estava com duas crianças pequeninas e como não havia praticamente creches, não tinha com quem deixar as crianças, fiquei em casa o resto da minha vida a tratar dos filhos.

Mais tarde, fui tendo algumas actividades.

O meu filho mais velho tem agora 43 anos e o mais novo 39.

O feminismo veio antes de eu saber que a palavra existia. Havia coisas que eu não achava bem

O feminismo veio antes de eu saber que a palavra existia.

Com 11 anos comecei a ficar assim um bocadinho rebelde. Não muito. Comecei a notar que, embora os meus pais se dessem como Deus com os anjos, quem mandava era sempre ele, o homem.

Devido ao isolamento, eu não tinha com quem brincar e então pensava - lia e pensava muito. Então, comecei a pensar que não tinha sentido nenhum os rapazes terem a chave de casa, poderem sair à noite enquanto

que as raparigas não podiam sair. Se era durante o dia, tudo bem. Mas se era para namorar tinham que levar a irmã mais nova ou outra pessoa porque não podiam ir sozinhas. Eu não achava aquilo bem.

Eu queria ter filhos, punha-lhes os nomes dos heróis dos livros que lia... dos “Subterrâneos da Liberdade”. A vizinha que nos fornecia mantimentos, na Cova da Piedade, que era casada com um marinheiro, era sócia da Incrível Almadense, ou talvez fosse da Cooperativa Piedense², já não me recordo bem. Havia lá uma biblioteca. E ela, pouco ou nada lia, mas como me via a ler, ela requisitava livros e depois emprestava-me.

Comecei por ler os romances do meu pai. O meu pai gostava muito de ler. Quando estive na tropa, particularmente quando estive 2 anos em Cabo Verde, comprava livros nos alfarrabistas como por exemplo: “A Morgadinha dos Canaviais”, “A Família Inglesa”, esses foram os primeiros livros que eu li. Acho também que li o “Amor de Perdição”, acho que também li nessa altura um do Zola, uma coisa pequenininha, e li os “Esteiros” [de Soeiro Pereira Gomes], claros!

Queria um dia ter filhos. E se fossem uma rapariga e um rapaz haviam de fazer os dois exactamente a mesma coisa

Aos 12 anos, o que é que então eu comecei a pensar? Eu queria ter filhos, não queria ter só um porque eu detestava ser filha única, mas queria ter pelo menos uma rapariga. E se fossem uma rapariga e um rapaz deviam fazer os dois exactamente a mesma coisa. Se um fazia a cama, o outro tinha de fazer a cama. Se um varria, o outro tinha que varrer e

2 Sobre a Biblioteca da Cooperativa Piedense, diz-nos Maria do Nascimento Falcão: “.....Recheada de tudo, tantos livros! Os sócios levavam os livros para casa para ler” Falcão, Maria Nascimento, Desocultando quotidianos de mulheres, Lisboa, Umar, 2014, p.96..

por aí fora. Foi aí que começou o meu feminismo, isto sem ouvir nada a ninguém. Era coisas que eu observava e eu não achava bem, pronto! Os rapazes podiam jogar à bola na rua. O meu pai um dia deu-me uma bronca dos diachos porque eu estava habituada, na casa anterior, entre os 9 e os 11 anos a brincar com rapazes e raparigas. Eu era até a mais velha, mas entre os 8 e os 10 anos, rapazes e raparigas, de manhã até à noite, nas férias grandes, andávamos todos por lá a brincar. Passado para aí um ano, já estava noutra casa, já não tinha com quem brincar a não ser com duas miúdas pequenitas que moravam ao lado.

Um dia aparece por lá um catraio, de visita, que era sobrinho da vizinha. Nós começámos a brincar os dois sozinhos, pois não havia mais miúdos, enquanto o meu pai estava a conversar com um homem. Quando o meu pai acabou a conversa, foi para casa e esqueceu-se que eu estava a brincar com o catraio. Às tantas lá deu pela minha falta e perguntou à minha mãe. “Então, onde é que a miúda está?”. Lá me foram chamar, eu vim. O meu pai passou-me um raspanete, disse que não era apropriado uma menina estar a brincar com um rapaz. E eu: “Esta agora...!”.

Fui, durante alguns anos, voluntária na Associação Alzheimer

Já depois do meu marido ter morrido fui durante alguns anos, voluntária da Associação Alzheimer (Associação Portuguesa de Familiares e Amigos dos Doentes de Alzheimer). O meu pai morreu com Alzheimer e eu, poucos meses antes dele morrer, como eles viviam nessa altura, em Arruda dos Vinhos, eu tive que vir dar a ajuda possível à minha mãe, durante uns meses. Nessa altura aproveitei: um dia vim a Lisboa e fui à Associação inscrever-me, para eles depois me orientarem. Nem 6 meses tinham passado o meu pai morreu. Mantive-me como sócia, até que depois o meu marido também morreu e eu fiquei sozinha com os filhos.

O mais velho foi para fora estudar e o outro estava em Portugal mas andava na Faculdade e eu estava sozinha em casa durante o dia.

Então fui a uma reunião da Associação Alzheimer, num sábado qualquer à tarde. Convidaram-me logo para fazer parte da Direcção. Eram poucas pessoas, a direcção da altura estava a terminar o mandato e era preciso novas pessoas para a substituir.

Só tinham a trabalhar na Associação uma assistente social, uma tarde por semana e esse era o único atendimento que tinham. Ofereci-me para ficar, primeiro para ir com ela, para aprender. Ela atendia as pessoas e eu atendia o telefone. Achei que não chegava e passei a ir, além do dia em que ia a assistente social, eu ia também para lá uma tarde e foi assim durante uns anos.

Andaram à procura de um espaço melhor e conseguiram então que a Câmara de Matosinhos lhes cedesse um espaço no Lavra.

Participei em várias manifestações e Marchas contra o Desemprego. Hoje sou Deputada e estou na Comissão dos Negócios Estrangeiros e Comunidades Portuguesas

Participei já em 3 Marchas contra o Desemprego. A primeira da CGTP (Confederação Geral dos Trabalhadores Portugueses), ainda com o meu marido; a segunda do Bloco de Esquerda e a terceira outra vez da CGTP.

Quando havia eleições, eu participava naquilo que fosse preciso, pelo Partido Comunista. Quando se deu o 25 de Abril o meu marido pediu a reintegração na Função Pública e pela primeira vez inscrevemo-nos no Partido Comunista, porque até aí não havia cartões. Saímos os dois em 1991 outra vez por solidariedade com os vários camaradas. Pedíamos um congresso extraordinário mas sem sucesso. Mas eu continuei a ir

a manifestações. Houve uma manifestação em que viemos lá de cima, das escadarias da Assembleia da Republica e a Polícia estava cá para não nos deixar subir. Às tantas, perdi mesmo um bocado a paciência e comecei a gritar “Fascismo, nunca mais!”. De outra vez estive nas galerias por causa da despenalização do aborto. Participei também nas manifestações de apoio à enfermeira da Maia que foi julgada.

Depois fui ao Forum em Almada em 2000 e mais tarde tornei-me associada UMAR.

Hoje sou Deputada independente, mas integrada no grupo parlamentar do Bloco de Esquerda. Estou na Comissão dos Negócios Estrangeiros e Comunidades Portuguesas.

A política é que é a nossa vida, ela é que comanda

A mensagem que quero deixar para as pessoas mais jovens, principalmente às raparigas é que conseguimos várias conquistas, como o problema da legalização do aborto, esperemos que não haja retrocessos. Há o problema do desemprego, que abrange todos e todas, embora afecte mais as jovens.

Acho que é aquilo que mais me toca é a violência doméstica, que não é só entre homens e mulheres. Há outro tipo de violência, é contra os velhos, é contra as crianças que sofrem, muitas vezes por causa do mau ambiente entre os pais. Costuma-se dizer “casa onde não há pão, todos ralham e ninguém tem razão”.

Há muita gente que diz: “Ah, o que me interessa, para mim, é o trabalho, a política não me interessa para nada” e eu digo “Pois é. Mas a política é que é a nossa vida”, nós é que podemos não ter consciência disso, mas

a política é que comanda. Aí é que está o cerne de toda a questão. O desemprego, a falta de habitação, a carestia de vida, a falta de médicos, enfim...tudo aquilo que nós temos e não temos, está relacionado com a política.

Quando eu saio para ir a alguma manifestação e me perguntam por que vou, eu respondo: “Eu não posso fazer greve. Se eu não posso fazer greve, o que é que posso fazer? Ao menos vou para a manifestação, vou-me juntar a outros que vão”. Se nós nos queixamos do que está mal, isso não nos serve rigorosamente de nada, não nos resolve problema nenhum. Tudo continua na mesma. Então vou às manifestações e vou votar. Desde que viemos para Portugal, eu e o meu marido íamos sempre para as mesas de voto e não ganhávamos nada. Agora já se ganha, mas na altura não se ganhava nada. Há pessoas que nem sequer vão votar e eu digo-lhes que se não se manifestam nem vão votar, estão à espera que as coisas lhes caiam do céu?

A minha vida resume-se à política, não há vida sem política. Eu já tenho dito que o não fazer nada também é política, só que é uma política negativa, é a gente acomodar-se à situação.

ESMERALDA
MATEUS



“

Os direitos são nossos tudo a que
gente tem direito, temos direito
mesmo.

“

Sou Presidenta da Associação de Moradores de Aldoar

Sou a Esmeralda Mateus, nasci em Nevogilde, na freguesia de Aldoar. Moro no bairro de Aldoar. Sou viúva, tenho 64 anos. E continua a luta, pelas mulheres, pelo bem-estar das mulheres. Das mulheres e das crianças, os filhos das próprias mulheres.

Isto, o bichinho mói!...Já venho de uma luta como dirigente sindical, quase a primeira mulher a ser dirigente na fábrica do peixe. Já me estavam a cortar um bocado, por ser mulher – parecia mal. Mas não, eu continuei a luta, mesmo de vez em quando a levar um chapo. Tem de ser assim. E a luta continua.

Sou uma mulher do povo. Muita gente não compreende, mas elas compreendem o que eu quero e o que eu quero dizer também. Sou a primeira na frente e luto pelo bem-estar da gente deste bairro, principalmente das mulheres. É o bairro de Aldoar, onde sou Presidenta da Associação de Moradores. Estou sempre metida em todas.

Também, sou vice-presidente da comissão de utentes da saúde.

Faço passeios para as mulheres. É uma maravilha!

E, ensino. Já não se vê aqui no meu bairro, os homens a bater nas mulheres com quem lido, não! A violência doméstica aqui e agora, diminuiu muito, muito mesmo. Já não é como era no meu tempo que se levava e se calava. Eu nunca me calei. Também dava, claro! Tem de ser assim.

Faço trabalhos só para as mulheres: faço torneios de pesca só para as mulheres; faço bailes só para as mulheres; corridas só de mulheres, muita das vezes, para os homens estarem a ver as suas mulheres correr. Tem de ser assim. Começou assim para eles apreenderem também um bocado,

para deixarem de ser machistas. Só queriam o comer feito e ler o jornal, isso aqui na maior parte já acabou.

Eu já sei que não vou vencer o mundo, mas luto por uma vida melhor para os meus filhos, por todas as crianças e para estas mulheres. Abrir os olhos a estas mulheres, que estas mulheres têm que abrir os olhos.

Já sou presidente da associação de moradores de Aldoar desde 1993/1994, até agora. Tenho ganho as eleições todas. Nunca mais ninguém me tirou daqui. Luto por esta gente, não gosto de ver despejos. Ninguém gosta.

Fiquei muito aflita quando fui a primeira mulher a entrar numa associação para fazer frente aos homens que aqui estavam. Eles censuravam-me tudo. Nas tascas, que ainda há tascas aqui. E o meu homem vinha com a cabeça cheia e vinha pegar comigo. E depois quando estavam a precisar de ajuda os homens já vinham ter comigo - uma mulher. É verdade! Eu atendo os homens também, e muitos. As mulheres às vezes são mais opiniosas. E eles vêm-se atrapalhados e vêm também, às vezes vêm os dois. Estamos aqui para ajudar toda a gente, dentro das minhas possibilidades, dentro daquilo que sei. E acho que eu explico, eu procuro abrir os olhos às mulheres, porque elas têm que lutar pelos seus direitos e não se devem deixar calcar. Os direitos são nossos, tudo o que a gente tem direito, temos direito mesmo.

Em Aldoar não há despejos

Tenho aqui uma moça, que nasceu na casa e estava inscrita, mas como se separou do marido em 2009 (o marido pediu a alguém para lhe fazer o IRS, quando estavam juntos), a Câmara tirou-a, riscou-a automaticamente. Agora, querem botar a rapariga fora de porta. Já tenho um trabalho, já mandei para o Provedor da Habitação, já mandei uma carta, já fui à

Câmara, estou à espera de resposta. São situações assim. Mas despejar não! Porque se eu não conseguir pela carta que mandei e se não receber resposta, que já fui a todas, eu apresento-me à porta da Câmara e eles têm que me ouvir, ou vou a casa do vereador e fico à porta à espera.

Em Aldoar não há despejos, porque eu ando em cima das pessoas. Eu fui porta a porta perguntar quem é que tinha renda atrasada, para fazer o plano, para não se chegar a ter ordem de despejo por falta de pagamento. Toda a gente tem que pagar o seu aluguer. Se não for num dia é noutro, porque a Câmara até dá desde o dia 8 a 15 do outro mês, para pagar o aluguer anterior. Nós temos tido essas conquistas.

Eu faço planos de pagamento, eu faço planos de renda, porque a renda é social, mas não se pode pagar mais que onze euros - só têm trezentos e tal euros, têm dois filhos ou três, onze euros está muito bem, não pode ir além disso a renda da casa. Se têm o aluguer em atraso, também dá outros onze euros, para pagamento da dívida e plano de pagamento. Entretanto, vem o advogado, que a Segurança Social promove o advogado para a pessoa e bota-se a providência cautelar. Vamos a julgamento e sou testemunha, sou eu que começo a fazer esse plano primeiro.

Vem gente de todo o lado falar aqui com a Esmeralda. Às vezes esperam aí até às tantas, porque eu tenho trabalho a fazer.

Uma senhora de 70 anos tinha a banca de lavar a loiça rota e tinha um balde por baixo, um balde para apanhar a água; tinha a casa com humidade. Ela, não mora neste bairro, mora noutro, mas como precisava de ajuda e toda a gente conhece a Esmeralda...

Entrou lá o fiscal e a mulher tinha lá o balde da água, com muita loiça, (ela até é cigana, mas para mim como é tudo igual, tanto vale ser cigana, como não ser; são seres humanos). A mulher teve ordem de despejo,

porque recebeu uma carta para compor a casa. E eu mandei uma carta ao senhor vereador a contar a situação. Já que a Câmara não queria botar novo, então que me desse uma sanita, um lavatório e uma banca para lavar a loiça. Foi por escrito, ainda tenho isso escrito. E eles fizeram ouvidos de mercador e até queriam despejar a senhora. Eu fui para a Assembleia explicar isso. O vereador disse que não podia ser. A senhora ainda não está legal na casa, ao fim de 3 anos. Foi a julgamento e quem falava era eu, porque a mulher é cigana e eles não percebiam. A juíza até quis ouvir a história, e depois até se começaram a rir, porque eu comecei a falar para a cigana em “cigano”, que era para ela perceber melhor. Mas não é despejada, que já me garantiram que não é despejada.

Eu ajudo muito as pessoas no bairro

Sempre que possa arranjar horas para alguma senhora ir trabalhar a dias, eu pergunto: “queres ir trabalhar?” “É ali, vamos anda, que eu vou contigo”, faço assim pelas pessoas.

O meu trabalho não pára, eu não paro em casa, só entro em casa mesmo a partir das 10h da noite. Enfio-me na Associação de Moradores, faço torneios de futebol para estas crianças, para ocupar o tempo dos miúdos. À tarde dou por falta deles e vou a casa deles procurá-los, saber se estão bem.

Ainda há pouco tive um senhor que está internado muito mal e tive de chamar a polícia para abrir a porta e os bombeiros para o levarem para o hospital. O senhor ficou nos Cuidados Intensivos.

Eu tomo conta de dois idosos aqui no bairro, faço a higiene a estes dois doentes mentais. Não há assistentes sociais que passem para ver as necessidades daquela gente. São doentes mesmo. Sou eu que os lavo,

que vou ao médico com eles. As enfermeiras lidam comigo pelo telefone, a saber se eu posso ou não. Ninguém entra em casa desses doentes a não ser eu. Nem toda a gente tem estômago para os lavar. Pego em luvas e lavo, lavo tudo.

Havia tanta pessoa que se envenenou aqui. Há tanta mulher que fugiu de casa. Há tanta mulher que deixa os homens, por causa das dívidas. Ainda procurei algumas e ajudei a fazer a transferência deste bairro (para não ficarem neste bairro) para outro bairro social no Porto, para as mulheres sossegarem.

Agora, ia fechar a associação a parte do café, do bar, porque há muita gente que não tem dinheiro, chega-se ali para beber uma meia de leite, pedem-me uma omeleta, ou “dá-me aí uma pinguinha de café com leite, depois eu dou-te o dinheiro”. É este o sistema, porque o rendimento mínimo social baixou muito... Há gente que necessita dele, estão à espera desse rendimento: pagam o aluguer, pagam a luz (quem paga), há gente que tem tudo direitinho aqui, não lhes chega quase nada para comer.

Ainda agora vinha a entrar na associação e vinha uma senhora pedir-me cinco euros para batatas, para fazer a sopa. A gente também não tem, mas olha vai-se tirando daqui e dali, depois quando a senhora receber a reforminha dá-me os 5€.

Como ela há muitas mais.

Nós na nossa idade precisamos de alguma coisa para nos divertir

Não há nada para as mulheres dos 50 até aos 60. As pessoas quando chegam aos 40 ainda têm força, são jovens ainda andam. Agora nós não. Nós na nossa idade precisamos de alguma coisa para nos divertir.

Para não pensar nos homens, nos filhos, na casa, no que não temos para comer. Outras mulheres estão em casa, ou foram despedidas porque o trabalho acabou. Fazer o quê? Dizem que é muito cedo para se sentarem no sofá. Eu acredito nisso. Porque as mulheres de 50 anos não são idosas. Então, vamo-nos divertir um bocado.

A maior alegria que tive foi ter uma taça de disciplina, das mulheres, a jogarem à bola. Também se joga à bola com mulheres de 50 anos. Nós temos que nos divertir.

“Vamos até lá em baixo ao Parque da Cidade fazer uma corridinha?” Fazemos isso. Corridas daqui até ao Parque da Cidade. E elas já querem comprar umas calcinhas mais curtas e umas sapatilhas para correr. Tem que se começar a abrir o espírito destas mulheres, para começar. Faço festas de S João para esta gente toda se divertir. Faço a festa do Emigrante. Tenho tudo cheio de taças. Não tenho onde botar taças. As crianças dão-me alegrias, jogam à bola que é uma maravilha. Eu faço concursos de pesca para os jovens.

No Verão vamos à praia molhar os pés

No verão vamos à praia molhar os pés, que estas mulheres não vão para a praia. Mas nós vamos à praia. A primeira vez que se botaram em fato de banho, era em combinação que elas iam tomar banho, não se despiam. Já se despem...já vai!

“Esmeralda, nós vamos lá baixo, se houver uma carrinha que nos leve até lá baixo, depois vimos a pé para cima, que ninguém nos vai buscar” “Vamos embora, e vamos molhar os pés à praia”. “Vamos comer um geladinho, hoje?”. “Oi, eu não tenho e tu também não tens?” “Vinte cêntimos e eu boto o resto” e já dá para o gelado. Tem que ser assim. A vida é esta.

Aqui no bairro, toda a gente sabe da vida uns dos outros. Eu olho para a cara daquela e sei que aquela mulher hoje não tem comer para fazer. Não tem dinheiro. Às vezes sou eu que digo: “não tens dinheiro, anda lá, olha ali arroz e tudo”, Eu dou de comer todos os dias a dois rapazes que me apareceram aqui de paraquedas.

Vamos gozar a vida um dia de cada vez, que é muito bom. Quando a gente se deita e acorda com os pezinhos a bulir, ó que maravilha de mundo!

Fomos 14 mulheres daqui do bairro, que levei todas as quartas-feiras para a escola. Foi maravilhoso!

Juntei várias mulheres para tirar o 9º ano. E antes até, quando a gente entrou no euro, pedi às professoras para nos ensinar como é que se lidava com o euro – só mulheres, porque os homens não quiseram, tiveram vergonha. E, nós fomos aprender como se lidava com o euro. Daí fomos então tirar o 9º ano. Ganhamos um computador! E fomos 14 mulheres daqui do bairro, que levei todas as quartas-feiras para a escola. Foi maravilhoso! A gente entrar na escola novamente, já com os seus cinquenta e tal anos. Foi uma maravilha. E estamos aqui para a luta. A luta continua.

Vivi num barraco no Castelo do Queijo

Vivi num barraco no Castelo do Queijo, ali perto da praia, em barracas havia barracas, bastantes barracas.

Sou a filha mais velha de 21 filhos. A minha mãe trabalhava no peixe e o meu pai também. No defeso, no inverno, não havia que comer, porque não havia peixe para eles trabalharem. Não havia 13º mês nem havia

subsídio de férias. E, então a gente salgava umas sardinhas para comer no inverno. E a gente ia pelos quintais ver se ajeitava com as sardinhas umas batatas para cozer.

À minha mãe morreu-lhe um filho, não sei se era de frio ou de fome. Fomos crescendo e a minha mãe ficou com nove filhos. Chegou a uma certa idade e deixaram de morrer as crianças que nasciam. Até que a gente ia crescendo da grande miséria.

A gente não tinha uns sapatos, não tinha nada. E era a escola que nos dava a sopa com óleo de fígado de bacalhau, que nós não queríamos nada disso. Não estávamos habituadas.

Fui trabalhar com 11 anos A minha mãe deu-me uma saquinha de plástico, amarrei-a à cinta e fui trabalhar para o peixe

Fui trabalhar com 11 anos, com o exame da 4ª classe e a admissão. A minha mãe deu-me uma saquinha de plástico, amarrei-a à cinta e fui trabalhar para o peixe. Ai, fez-me uma revolta: ver o chefe de equipa, que lidava connosco, bater às raparigas. A mim também me bateu, eu larguei tudo que tinha na mão e fui fazer queixa ao sindicato. Havia um sindicato. Quando voltei já o patrão sabia, que eu lá tinha ido.

Estive 15 dias sem ganhar e a minha mãe chorava porque a gente não tinha que comer. A gente recebia à semana. Durante 8 dias a gente recebia aquelas horas, se houvesse peixe a gente trabalhava, se não houvesse peixe a gente vinha para casa e não ganhava nada. Era assim.

Então, eu comecei a crescer e a refilar com o chefe. Um dia eu fiz uma brincadeira grande: o chefe estava a ralhar com uma miúda, uma colega e eu amarrei um fio desde o carro cheio de peixe à pala do casaco dele que atrás tinha um rabinho, e nós fizemos parar a máquina. Quando ele

ia ligar a máquina, o carro caiu e depois nós fugimos todas. Era para ele não bater à gente. A gente também fazia essas partidas porque ele batia sem mais nem menos. Eles é que mandavam, mandavam na gente.

Casei com 16 anos

Comecei a crescer. Casei com 16 anos. Quando me casei ganhava 150 escudos por quinzena, era pouquinho. Para se comprar uma cama para a gente se deitar, tinha que pagar a pagamentos, para quando se recebesse se pagar um bocado. Era sempre assim.

Os lençóis eram de linhages³, todos os que a gente apanhasse dos sacos de batatas, botavam-se na lixívia e a gente fazia os lençóis para a gente dormir, para a gente se cobrir.

O chão era preto, que era de terra. A gente esfregava a loiça com a própria terra, para a loiça ficar lavada.

A minha mãe olhou para mim, sem comer nada, e tinha lágrimas nos olhos

Um dia fui ao grémio buscar um dia salário, era o que o grémio nos dava quando a gente não trabalhava um mês. Eu fui receber esse dia e vim pelo talho, comprei muitas patas de galinha e pescoços e comprei um 1Kg de massa.

Isso foi a coisa que mais me marcou:

A minha mãe e eu “a descascarmos” a tirarmos a pele das patas. A minha mãe cozeu as patas e fez uma panela muito grande, com massa, as patas e os pescoços do frango. Então, a minha mãe botou a comida numa bacia e nós comíamos...

³ Linhage termo regional para designar a estopa.

A minha mãe ficou de pé a olhar. Eu também comi e estava a comer já com um filho no berço, eu tinha 16 anos. Quando parei de comer, já estava cansada de chuchar os ossos pequeninos das patas, olhei, e era uma música. E a minha mãe olhou para mim, sem comer nada, e tinha lágrimas nos olhos. E nós éramos assim – tchu, tchu, tchu, era uma música mesmo. Os meus irmãos todos consolados a comer. Isso marcou-me para a minha vida. Marcou-me porque eles tinham fome!

A gente para ir ao médico vestia a roupa uns dos outros. Alguns dos meus filhos são mais velhos que os meus irmãos, porque a minha mãe teve filhos até aos 48 anos.

A minha mãe também morreu muito nova com 62 anos.

“Nós não carregamos a carrinha e não deixamos sair”, porque não havia dinheiro para nos pagar. A partir daí fui dirigente sindical

E foi aí que o 25 de Abril veio, tinha uma barriga grande, já do segundo filho, botei-me em cima de uma mesa e disse: “ninguém vai tirar aquele peixe da moura, estamos aqui há 2 horas sem ganhar um tostão! E agora vamos para dentro trabalhar por tarefa, a correr, tum, tum, tum. A correr? Se a gente não fizer nem nos dá o dinheiro!”, “não vamos tirar o peixe da mesa, eu assim ele vai-nos pagar as horas que a gente está cá fora”. O patrão virou-se para mim e disse: “se fores a primeira a entrar, elas entram atrás de ti”. E eu respondi: “ Senhor Edgar, eu não, eu não entro, se entrar elas dão-me uma coça”, era o que estava combinado com elas. E as mulheres não foram! Foi a primeira greve da minha vida. A seguir ao 25 de Abril.

Nós não deixávamos sair a camioneta com o material para entrar

no vapor que ia para Angola e Moçambique. E, nós não carregamos a carrinha e não deixamos sair, porque não havia dinheiro para nos pagar. O patrão estava a dizer que era eu a culpada. “Eu?” A partir daí fui dirigente sindical, sempre a defender o trabalhador, o mais pobre. Vem daí a minha revolta. Ainda hoje, eu não sei quem encarnou em mim, que eu não posso ver ninguém com fome, nem ninguém aflito, porque isso já vem de nova, de miúda. Passei um mau bocado. E, sai da fábrica porque a fábrica fechou.

Então eu vinha estafadinha da fábrica () e ainda levava porrada?

Casei, com um homem bêbado.

Cada vez que ia para uma manifestação, com um pano feito com a palavra de ordem Casas Sim, Barracas Não, ele quando chegava, batia-me – “então, estás-me a bater? Então, eu já fui e já estou aqui”. Sempre, eu não falhava uma, sempre a lutar pelos direitos das pessoas. Eu ia, quando saía para alguma reunião à noite ou de tarde, ou ia a alguma manifestação, para ele não pegar comigo, deixava a comida feita, espreitava a gaveta das meias, as camisas que ele gostava, para não implicar, para não levar com elas no focinho. Um dia tanto me chateei que lhe dei uma coça. Fiquei consolada, arranhei-o todo. Ele não tinha nada que me bater, que eu vinha de trabalhar. Então, ele bêbado perdido, sem saber fez-me sangue na cara. Quando botei a mão na cara e vi que tinha sangue, agarrei-me à cara dele e esgatanhei-o todo. Ficou de cama três dias, não foi à loja, nem à tasca para se embebedar, nem na segunda-feira foi trabalhar. Então eu vinha estafadinha da fábrica; a lavar que não tinha máquina, nem tinha pia, lavava no chão a acartar água aos baldes, para lavar a roupa dos meus filhos para deixar para toda

a semana e, a roupa para ele, que ele trabalhava no ferro; e eu chegava a casa e ainda levava porrada? Ele é que vinha de beber vinho, vinha com os amigos...Não! Nunca mais me bateu. É o meu feitio, também é assim. A gente não se pode deixar recalcar por uns homens que não fazem nada na vida, só trabalhavam e não queriam saber de mais nada.

Eu também passava mal, ele levava 1 conto por dia, 1000 escudos, que ele levava por dia, e eu é que lhe dava dinheiro para se embebedar, eu é que lhe tinha que dar, se não batia-me.

Um dia eu estava a fazer caldeirada a gastar o meu azeite para os colegas comerem e depois se embebedarem na tasca? Abri a janela, peguei no tacho, saiu janela fora o tacho que ele ia dar aos amigos. Não foi para eu comer, mas também não deu aos amigos, para comerem à minha custa. Ele queria-me bater. Não! Quando ele entrou eu estava a fritar sardinhas, que ele veio a correr. “Se me vens bater, vou-te escaldar os olhos com esta sertã com azeite”, disse assim. Parecia mal naquele tempo, as mulheres censuravam as mulheres, algumas. Até os homens: “se ela fosse minha mulher partia-lhe os braços”, eu nem uma nem duas.

Muitas vezes vinha estafada do rio, a lavar e ainda queria que lhe desse o pequeno almoço na cama. Isso é que era bom. Não! Depois ia para a tasca e fazia horário: ía às 9h para a tasca, vinha à 1hora para comer, saía, vinha às 4 h lanchar e regressava às 8h da noite para jantar. E a carrasca da criada dele...

Morreu no alvor da idade, paciência. Só me queria a mim quando estava para morrer.

Que alívio que eu tive Senhor, tive um alívio, que ele lá foi e eu ainda estou cá. Ele morreu com 50 anos e eu tenho 64 anos.

E depois, fiquei feliz, tenho pena de dizer isto, mas morreu. Deixou-me, sumiu, julguei que era mentira quando ele morreu. Fui ao funeral, fiquei em casa, mas julguei que era mentira. Vivi.

A minha luta maior. Quando eu chego à assembleia, oiço tantas vezes “olha, vem aí ela”

Tenho muita pena que a Câmara do Porto, para a gente assistir a uma Assembleia (que bem precisamos delas, que eles decidem tudo e fazem o que querem e lhes apetece), nós termos de entrar na Câmara e entregar o Bilhete de Identidade, às 2 horas da tarde, mas a Assembleia Municipal só começa às 9,30h da noite. Tem que se deixar de trabalhar para levar o bilhete de identidade, os nossos dados, e dizer o que se vai dizer à noite. Só que eu faço sempre mais qualquer coisa. Digo só uma e depois digo muitas. Quando eu chego à assembleia, oiço tantas vezes “lá vem ela”. Eu dou um ar de riso e às vezes pergunto: “quem é ela?” “Uma senhora, eu sou uma senhora, como vocês”

E, se aparecem casos graves. E eu tenho que ir para a Assembleia.

Mas é a voz do povo de uma mulher que lida com a maior pobreza

O gabinete do senhor vereador, é pior que a direita, e é a esquerda que lá está, é o PS. Muito me custa dizer estas coisas mas é verdade. Um dia estive 2h à porta do gabinete à espera de ser atendida e ele mandou um assessor, porque chegou depois uma doutora, e atendeu a doutora primeiro. Eu tive que esperar por ele cá fora, para não ir lá dentro e ser malcriada. Se a gente fala mais alto um bocadinho, já é malcriada. Mas é a voz do povo de uma mulher que lida com a maior pobreza. E quando

a pobreza me chega aos calcanhares, nós temos realmente de encrespar um bocado.

Quando chego à Assembleia Municipal, tenho 3 minutos para falar e eu disse “já me está a roubar meio, por que é que está a dizer que tenho 3 minutos? Eu falo depressa”. E o presidente da Assembleia Municipal deixa-me falar 5 minutos, porque eu não paro, tumba, tumba. Então, eu vou para resolver problemas!

E antes de ir para a Assembleia tenho que estudar tudo direitinho, para não gaguejar, para sair tudo e ter resposta na ponta da língua. Porque eles julgam que por ser uma mulher, me embrulham.

O Senhor Presidente condecorou-me com uma medalha de mérito

No mandato anterior quem era Presidente da Câmara era o Dr. Rui Rio. Com grande espanto meu, recebi uma carta: o senhor doutor queria-me condecorar. No dia 24 de Abril, há 5 anos atrás, o senhor Presidente condecorou-me com uma medalha de mérito e um canudo. Uma medalha e um canudo de Mérito Social. Ora a direita viu o meu trabalho, porque eu não os deixo sossegar, eu não os devo sossegar, que eles ficam cheios de mim. Mas sabem o meu trabalho, senão não me condecoravam. Mérito social, tenho uma medalha! Mas disse ao Senhor Presidente uma coisa, no dia em que recebi a medalha. Tive que dizer. Eu fui comprar um fatinho, embora fosse a pagamentos, comprei um fatinho. Então? Também queria ir bonita, ia mais gente ser condecorada. Ia o Amorim e essa gente toda e eu no meio deles. E então, ao botar a medalha no peito, (o fato era muito bonito, o Rui Rio disse mesmo isso), partiu o alfinetinho da medalha e eu disse: “ai Sr. Dr., se o meu fatinho

fosse como o seu, não partia, que o meu é fioco⁴. Parece que o estou a ver, e ele disse assim... “não, não, muito lindo, muito lindo”. Mas eu disse-lhe isso.

E eles ficaram na casa e eu fiquei com a medalha

Eu estava aflita por causa de uma ordem de despejo e eu disse que trocava a minha medalha por aquela casa, para não serem despejados. Eu fui e disse ao Presidente da Câmara, “oh senhor presidente, isto eu gosto muito, acho até que senti um grande orgulho, o senhor deu-me a medalha porque realmente viu o meu trabalho. Mas eu trocava a medalha que o senhor me deu pela habitação daqueles pobres que vão ficar na rua ou para debaixo da ponte” e ele deu um ar de riso e não disse nada. E eles estão na casa e eu fiquei com a medalha.

O Rui Rio era um homem de direita mas muito reto. Tem as suas coisas, mas tem outras coisas muito boas. Também o esperei muitas vezes à porta da Câmara. Quando ele entrou aqui no bairro pela primeira vez, eu estava à espera dele, porque eu queria ficar com esta sede. Eu conquistei esta sede! Entrou aqui pelo bairro abaixo, eu como Presidente desta Associação do Bairro de Aldoar, acho que tenho a obrigação de receber todos os partidos que entrarem no bairro e queiram visitar a associação. Sou aberta a toda a gente, embora tenha a minha ideologia política. De maneira que eu estava à espera, porque ele disse que vinha à associação. Entrou no bairro e não chegou a ir até ao fim, porque o povo estava revoltado, nunca tinha entrado no bairro e só veio porque era de direita. Os moradores queimaram bandeiras e atiraram-lhe tomates e tudo. Antigamente aqui no bairro não entravam PSD’s nem CDS’s, aqui não, não entravam. Agora entram.

4 A palavra fioco está ligada a um derivado mais pobre da lã depois de cardada.

Então ele e a vereadora, pediram-me se eu podia chegar à Câmara e eu pensei: “vai sobrar para mim”, Eu fui e diz ele, (ele à ponta da mesa), “Ó D. Esmeralda, acha que eu tenho condições para entrar no bairro, ou não?”. E eu disse: “pode entrar, eu vou conversar com o povo”. “Veja, converse e diga-me qualquer coisa”. Quem me ligou depois foi a vereadora e eu disse “Pode entrar, à confiança”. Entraram e não lhes fizeram mal nenhum.

Quando falei com os moradores, eu disse-lhes “ó gente, isto é uma vergonha, atirar tomates? Já se fez o que se tinha a fazer. Deixem lá quem quiser atender, atende, quem não quiser fica na sua casa, ninguém vai para a rua”. Veio alguma gente, mas não para arremessar tomates, que aquilo foi de mais da primeira vez. Mas é para ele aprender, que o povo está alerta e o que é prometido é devido. Não se pode prometer tudo ao povo e depois roubar-se tudo ao povo.

O meu trabalho tem sido reconhecido, já há muitos anos

Eles trazem-me as cartas para eu ler, quem não sabe ler. Ora uma senhora dentro de casa recebe uma carta, guarda e depois tem uma ordem de despejo. Foi para a casa do filho, depois. Nos bairros sociais houve 80 despejos, aqui nenhum. E ainda houve casas que eu ajeitei, porque eu preencho os papéis entrego-os na Câmara e dá casa. A gente escreve cartas para o banco, que agora não se escreve, até se manda e mails e tudo.

O meu trabalho tem sido reconhecido, já há muitos anos. Às vezes a gente enjoa-se, chora-se, vai-se para casa, limpam-se os olhos e vem-se outra vez com a cara levantada. Tem que ser assim.

É por isso que eu digo, foi o que eu passei no início da minha vida, os

trabalhos que a minha mãe passou, não posso ver ninguém com fome, não posso ver ninguém atrapalhado por uma habitação, seja pelo que for.

Faz-se muitas coisas sem dinheiro, haja boa vontade e ajuda-se em muitas coisas. Também se vê às vezes algumas mulheres sentadas e eu peço para me ajudarem a lavar um idoso, viram-se para mim e dizem: “tu não paras um bocado mulher!”. Elas querem ajudar, mas querem ganhar o seu bocadinho de dinheiro, porque têm necessidade mesmo. Mas às vezes nem é preciso dinheiro para se fazerem as coisas. Boa vontade e boa disposição e às vezes uma brincadeira.

A UMAR também me condecorou, sou a associada nº 8 da UMAR

O que se lutou por causa do aborto. Eu fui uma das cabeças. Eu orgulho-me de ter estado na luta pela legalização do aborto clandestino. Fui ao Parlamento Europeu por causa disso. E também já fui por causa da pobreza, quem é que explica esta pobreza melhor que eu?

Fui ao parlamento europeu com as quatro mulheres aqui do bairro. Fomos com a doutora Maria José Magalhães, que representa a UMAR e também fui com a Maria José Magalhães por causa da pobreza, da luta contra a pobreza. Foi espetacular!

A UMAR também me condecorou, sou a associada nº 8 da UMAR , eu sou da UMAR, há anos, não sei.

Já tenho 64 anos e eu quero é fazer sempre mais e mais. E depois quando eu ficar aposentada, quero rever tudo novamente, outra vez o meu trabalho. Porque cada taça que tenho aqui, lembro-me que fiz a luta, com as crianças, com os homens, com as mulheres. Tenho álbuns de fotografias do meu trabalho.

Tive uma experiência muito boa Nós fomos tirar um curso e foi na Docapesca, depois das horas de saída. Nós mulheres de Aldoar, só mulheres, depois apareceu um homem de Matosinhos, no nosso meio 13 mulheres e um homem, fora o professor que também era mulher. Tirámos um curso de Higiene e Segurança no Trabalho e um curso de computador. Sei que tivemos 180 horas. Saíamos para apanhar a camioneta de Resende na Circunvalação e parar na Docapesca de Matosinhos, sempre a correr para chegar a horas ao curso, para a professora não ralhar. Também formamos um grupo, umas sabiam mais do que outras e ajudávamo-nos umas às outras. E nós temos o nosso diploma!

As mulheres que não deixem de lutar

Eu estive ontem numa reunião com o povo de outros bairros de Lisboa e eu vim com as lágrimas nos olhos. Que as mulheres não deixem de lutar. Que tirem aquele homem do IHRU [Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana] dali para fora, que se fosse aqui no Porto eu era a primeira a entrar lá para dentro, nem que fosse presa.

Eu fiz um corte de estrada por “Casas sim, barracas não”. Fiz um corte de estrada que ficou lembrado na Câmara e em todo o lado e há fotografias disso. Sozinha! De noite mobilizei estas mulheres todas das barracas e então toda a gente teve casa.

Eu mobilizei esta gente toda bairro, mais mobilizei da parte de lá de Matosinhos. O povo era tanto, tanto! E o que salvou o presidente da Junta dessa altura, foi a junta estar fechada, senão o povo metia-o de lá para fora. Porque o povo ficou tão contente. E veio tanta polícia: “quem é que começou isto?”. “Não sei, ninguém”, era o que estava combinado. Fomos a umas paletes, a uns pneus, pegamos num trator que estava ali,

de noite, uns toros e cobrimos a rua de lés -a -lés, com paus e foram os bombeiros que os tiveram de tirar.

Isto é que são lutas camaradas, por isso vocês tende que tirar esse homem do IHRU dali para fora. Para não chegarem e arrombarem a porta e vos tirarem aquilo a que têm direito – a uma habitação condigna. É assim, não se pode viver na rua nem debaixo da ponte. Força!

Só sei que as mulheres têm que lutar pelos seus direitos, aquilo que nós mulheres temos direito. Foi o que eu fiz toda a minha vida. Lutar.

O meu homem queria ganhar sempre, parecia o meu chefe. Parecia o meu pai, mas nem o meu pai falava assim. E nunca fui chamada a atenção em casa, fui sim chamada por capataza e mandona. Agora por falta de coser uma meia e não ter a sopa feita para dar, nunca fui chamada. Porque eu nem que trabalhasse toda a noite, muitas vezes. Via a melhor maneira para ele não implicar, sempre.

Eu viro-me assim para as mulheres e digo: “nós vamos dar uma volta. Já está tudo pronto? A gente espera e tu vais lavar a loiça”, para ele não chegar e dizer “nem a loiça lavaste”. “O meu, lava a loiça”, “Boa”, é isso. “A gente chega por volta das 10,30/11 horas da noite”.

É assim que as mulheres têm que fazer, só dou bons conselhos.

O 25 de Abril que diferença grande

O meu pai também era do peixe e a minha mãe. E era muita fome. O 25 de Abril que diferença grande. Eu antes do 25 de Abril, andava descalça e quem andasse descalça era multada. Nós tínhamos um polícia que morava à nossa beira, numas casas mais acima e nós morávamos nas barracas. Quem andasse com uma meia no pé, já não era multado. Eu

tirava uma meia para dar à minha prima, nem ela era multada nem eu. Se não tivesse a meia era multada. Não tinha sapatos. Que sapatos? Não tínhamos roupa para vestir, quanto mais sapatos. Tinha os pés cheios de cieiro, com gretas do frio.

Sei uma canção por causa de andar descalça, que o polícia ouviu:

“Andar de gaivota para trás do Castelo, perdi uma bota e achei um chinelo”.

E o polícia julgava que era gozo. E então multou-me. A minha mãe chamou-me desgraçada e levou as mãos à cabeça: ”ó desgraçada, como é que eu vou pegar esse dinheiro?” “Não sei, não sei, disse isso, mas é uma brincadeira”. A minha mãe não sei como é que fez aquilo, lá se empenhou e lá pagou a multa.

Queria vestir um casaco e já era mulher para sair, para namorar e a minha mãe coitadita ia empenhar a saia e o casaco. E depois tinha que ir buscar ao penhorista ao sábado para eu vestir no domingo. Depois na segunda-feira de manhã tornava a levar ao penhorista a roupa, que era para dar para uma tigela de sopa para a gente comer, que a gente nem tinha...Davam-nos caldo azedo e a minha mãe botava farinha.

E então começou a vir o 25 de Abril. Antes não havia 13º mês, nem subsídio de férias, davam o que queriam dar. No dia de Natal mesmo à noite para a ceia, a gente não tinha bacalhau e era o bacalhauzinho que a gente queria. O patrão dava-nos 50 mil réis. Era 50 escudos que nos dava para a consoada, mesmo no dia. Já não havia nada e lá íamos comprar rabos de bacalhau demolhado para comer.

O 25 de Abril começou a vir. Começou-se a ter umas fériasinhas... embora pouco. Porque agora a gente diz pouco, quer mais, quer melhor,

mas antigamente isto era uma miséria. Agora temos subsídio de férias, depois do 25 de Abril, uma luta desgraçada. Foi também a partir daí que eu fui dirigente sindical.

Mas também fiquei contente quando vi o homem do sindicato⁵ vir cá para fora pelos cabelos, que a gente meteu-os todos cá fora. Então, ele batia-nos antes. E assim que foi o 25 de Abril a gente meteu o homem cá fora, que era para não bater mais, ele era o presidente do sindicato de Matosinhos das Conservas de Peixe.

Então não foi bom o 25 de Abril? Foi uma maravilha! Foi a partir daí que eu andava com panos na mão “Viva o 25 de Abril” e foi a partir daí que a gente começou a andar em grandes manifestações, porque antes só levávamos porrada.

Ainda antes do 25 de Abril, na fábrica, havia lá um homem no peixe, coitadinho, que eu via ali no escritório fugido e depois nunca mais voltava. Ele andava de bicicleta e soletas⁶ que faziam de chinelos. Não tínhamos chinelos. E, ele chamava-me Xangai⁷ “Ó Xangai se eu não aparecer tu vais ao meu armário e tiras aqueles jornaizinhos e deixa-los pelo caminho. Se vires carros, não atiras para o chão”. E ele coitadinho “tem cuidado Xangai, vai por aquele lado. Tem cuidado Xangai, se vires guardas”. Eu botava os jornais dentro da minha saca, debaixo do casaco e deixava um jornal caído no chão e mais à frente botava outro. Era a nossa coisa. O jornal era O Avante. E então eu botava os jornais e o homenzinho desaparecia 3/4 dias e depois lá vinha outra vez trabalhar.

5 Os sindicalistas antes do 25 de Abril eram aliados das entidades patronais

6 Soletas eram um pau com uma fita pregada com um prego de cada lado, que servia de chinelos.

7 Xangai era o nome dado ao bairro de barracas que existia junto ao Castelo do Queijo, onde Esmeralda Mateus morava. Quem morava no bairro adquiria como alcunha o nome do bairro.

Porque eles iam buscar o homem, aqueles homens de chapéu. Eu lembro-me disso. Eram da PIDE.

Eu andava a pintar paredes e arremessava o balde para o meio das silvas com medo da polícia que nos caçasse de noite, que a gente via um senhor, sempre de noite, que era nosso vizinho⁸ que ia fazer queixa e ganhava 500 mil réis. Fez queixa do meu pai, que era também um revolucionário. O meu pai, no peixe, era dirigente sindical antes do 25 de Abril.

O 25 de Abril foi bom. Escusei de andar fugida.

Fui presa por estar a dar um plenário nos primeiros tempos do 25 de Abril, que eles julgavam que ainda era tudo deles. Já era casada e estava aflita porque ia ficar 3 dias lá dentro. Não! Nós íamos como a sardinha dentro dos carros da polícia, no colo uns dos outros. Mas o advogado do sindicato veio-nos tirar.

E a gente agora está num país livre e a vida melhorou

Ainda antes do 25 de Abril, quando havia um embarque, íamos buscar as sardinhas que sobravam para a nossa marmita para a gente comer à noite, que eles não nos deixavam trazer.

Quantas vezes eu tirava...da minha caixa de peixe, uma fanequinha, uma lulinha, um carapauzinho, porque era só a sardinha que servia para enlatar e vinha a capataza nos roubar para comer ela. Uma vez, consolei-me, quem comeu fui eu, não foi ela. Ela estava em cima a palrar e eu na parte de baixo. Comi tudo, então, vinha tudo tão quentinho! Ela tinha mandado uma mulher fritar. E eu não ia comer? As colegas a espreitarem. Ai daquela que abrisse a boca. Isto já vem de início, este bichinho, já vem de início.

8 Informador da PIDE

A vida está má, mas dantes eu não sabia o que era queijo. Eu não sabia comer um iogurte. A gente não comia essas coisas.

No tempo da praia, a gente ia à praia com um baldinho de água apanhar o que os outros deixavam cair na areia e não queriam, porque a gente morava ao pé da praia, que era Xangai e comíamos aquilo que os outros deixavam, que era para matar a fome.

Foi uma maravilha o 25 de Abril. Eu sou do 25 de Abril. Comecei a gritar, pois não! E gostei de ver os carros todos dos militares pela Circunvalação acima, com aqueles canhões virados. Foi muito bom. Foi uma festa. Eu gostei, para mim o 25 de Abril foi muito bom.

Particpei no 25 de Abril. Eu participo em tudo. O 25 de Abril abriu asas, fez com que a gente se expandisse mais. É verdade.

Direito à saúde, direito à habitação. A gente já falava isso mesmo a berrar “A paz, o pão, saúde, habitação, educação”. Foi uma maravilha, não haja dúvida.

E agora, a gente come, não tem hoje tem amanhã, mas a gente come e tem uma vida melhor. Dantes a gente estava à espera que houvesse um farrapo no lixo para vestir. Eu andava na escola com um casaco de homem, com as mangas enormes, que apanhava porque não havia que vestir. Não era só eu, infelizmente, era muita gente.

Agora o 25 de Abril foi muito bom. Tem de haver outro 25 de Abril, mas com cravos não sei se lá vai. Mas tem que haver outro 25 de Abril a ver se a gente melhora ainda mais um bocadinho. Para esses gatunos dos bancos deixarem de comer.

As mulheres nas bocas deles não sabem nada. Só eles é que sabem tudo e às vezes é o contrário, a gente é que os tem que ensinar, muitas vezes.

Temos que lutar pelos nossos direitos mesmo. Foi assim que eu fiz. Mesmo com o meu homem dentro de portas eu quis os meus direitos. O que é isso? Ia calar a minha boca? Não, eu não me calo! E não vou a reunião nenhuma sem dizer qualquer coisa que eu tenha que dizer. Eles olham todos logo para trás: “quer a palavra, lá está ela”, tem que ser. Senão quem não aparece esquece e a gente tem que moer o ouvido dessa gente. Eles são uns camaleões, alguns. Os senhores do poder são uns camaleões.... As mulheres nas bocas deles não sabem nada. Só eles é que sabem tudo e às vezes é o contrário, a gente é que os tem que ensinar, muitas vezes.

Tive três filhos, tenho cinco netos e um bisneto

Tive três filhos, tenho cinco netos e um bisneto. Tenho um filho mais velho com 48 anos, tenho outro com 41 e outro com 42. São casados e vivem aqui perto de mim. Já faz a diferença o mais novo para os mais velhos, lá está o 25 de Abril. O mais velho foi o mais sacrificado, foi, foi, porque também não tinha. O mais novo tem uma filha só. Tem casa comprada, os outros não. O mais novo trabalha com patrões, tem um outro trabalho. Os outros trabalham como serralheiros. Os dois têm casas de bairro social. Um mora fora deste bairro e o outro mora à minha beira, que a mulher anda de muletas e está também aqui para ajudar (ou ser ajudada). Mas já tenho uma neta de 25 anos e outra de 23. Também já tem marido, mas não tenho o bisneto dessa, tenho da outra que tem 23 anos. Já tem dois aninhos o menino. E vivemos felizes à nossa maneira.

Sempre fui eu que fui ao médico com os meus filhos, o meu homem nunca deu um passo para nada, com os três [filhos]. Sempre com muito cuidado dentro da minha casa, para não faltar nada ao chefe, que era o meu homem e que era um mandão. E sempre com os meus filhos, a ver o que eles faziam na escola, sempre.

Não tenho paz por causa de ajudar, mas pronto

Quando a gente começou a botar o IRS nas Finanças, o meu marido não queria saber, era tudo eu. Nunca tive queixa: “queres saber mais da vida dos outros do que queres saber da tua vida”. O meu só me dizia “tu metes-te na vida de toda a gente”. Não é para me meter na vida de toda a gente, o povo é que vem a mim, as mulheres é que vêm a mim, as crianças vêm-me fazer queixas dos pais. Eu sou sempre atenta a um problema de um e de outro, para poder analisar e depois ver a maneira de tentar resolver o problema. “Ó Esmeralda, o meu pai bateu na minha mãe!”, eu digo: “olha tu vais ver que o teu pai já fala para a tua mãe. Se o teu pai fala mal para a tua mãe, tu sais e vens ter comigo”. E eu cá estou. Tive muita pena de muita gente que viveu aqui anos e nasceu e teve que ir para outros bairros, na cidade na mesma, mas aqui as crianças estavam feitas connosco. Porque era muito triste a criança vir para aqui brincar e eu dizer assim, “o que é que tu queres para o Natal, que eu vou ver se te ajeito”. “ó eu queria uma casa”. Tristeza da minha vida. Diziam-me que queriam ter uma banheira para tomar banho. Eu dizia às crianças: “tu um dia hás-de ter uma banheira. Tu vais ver. Eu não me chame Esmeralda”.

Eu chamo os jovens e digo-lhes: “não faças isso...eu não conheço essa faceta de ti, então tu foste bater à frente da tua criança e estás a bater na tua mulher?”. “Ela foi sair” “Que fosse sair. Não está em casa a essa hora?”. Eu tento sempre mediar as coisas, por exemplo; a subir as escadas e ouvir “eu quero entrar em casa e o meu homem não me deixa”, vamos lá, “vai-me deixar entrar a mim, mulher anda lá”, eu subia as escadas: “ não é a tua mulher, sou eu, já a estavas a tratar mal?”. “Você desculpe”. “Posso entrar?” Eu entrava e falava, e ele retorquia “ela que não torne a fazer isso”. “Ela não torna” e eu mais tarde conversava com

ela. Sempre aconselho, sempre, sempre: “levanta a cabeça para cima e faz o mesmo que fizeste”. “Faz que ele vai-se chatear e não vai dizer mais nada”. Quando eu achava o que ela devia fazer: “não faças isso, se tu fizeres isto vai prejudicar os teus filhos e o teu homem. Não é isso que queres ouvir, mas é isso que te vou dizer”. Quantas vezes eu chamo a atenção, até às crianças. Vou ali à porta e vejo as crianças penduradas nas árvores: “parte, que eu vou ajudar-te a partir. Não tens vergonha?” e as crianças baixam a cabeça e vêm-se embora.

Eu gosto de ópera!

Aqui no nosso bairro, apareceram os ingleses, para fazerem a música de *Wozzeck*⁹. Foi espetacular! Para a Casa da Música. Nós juntamos 114 pessoas, mulheres e filhos. Fizemos aqui na escola os ensaios, mas como era tão pequena a escola para os ensaios, íamos para o Matadouro Velho em Campanhã porque era muito grande. E fazíamos o nosso ensaio, todas contentes e os homens a olhar para nós, os nossos homens e nós a fazermos o espectáculo. Foi a primeira experiência que eu fiz de peça de teatro. Adorei ópera. Eu gosto de ópera!

Eu adoro ópera, ouvia o som e não ligava. Mas como eu participei naquilo, tive a noção da maravilha que é. Da maravilha! Eu sentada antes de entrar em cena. Cada qual tinha a sua casa, o filho o homem e a nossa vida de comer e tudo! Nós estávamos a fazer uma vida numa peça de teatro. Foi maravilhoso, há livros sobre isso.

Quando fomos representar à Casa da Música, (nós fomos os primeiros),

⁹ Aldoar apesar de ser um dos bairros mais estigmatizados do Porto, os seus moradores participaram ativamente no âmbito das comemorações da Porto 2001, em eventos culturais, nomeadamente na representação da ópera *Wozzeck* de Alban Berg, na Central Elétrica do Freixo.

ainda estava em obras, descemos para baixo de tudo, para o último andar de baixo, que é o rés-do-chão. E o aquecimento era umas velas, que aquilo era tão frio! Mas a gente não tinha frio. Foi uma maravilha a experiência! E só tenho pena de ficar por aí. Não darem seguimento a pessoas que servem para representar e a mulheres que saem do nosso bairro e que podiam fazer alguma coisa por isso. Mas não há quem ajude. Nem há um projeto para agarrar essa gente. Para agarrar estes jovens. Não é? Vamos fazer uma música, um projeto de uma música e fica para o lado. É isso, não!

Mas a luta continua!

*MARIA DE
LURDES
DOMINGUES
(LURDINHAS)*



Maria de Lurdes Domingues, nasceu em Paredes de Coura, em 1 de Junho de 1960. Veio para o Porto com os pais, com 7 anos de idade.

Trabalhou na Obra do Calvário do Carvalhido como operária de lavandaria.

Em 1983, adere ao Sindicato dos Trabalhadores da Saúde Solidariedade e Segurança Social, em 1985, integra a lista da Direção como suplente. Em 1988, passou a ser membro efetivo da Direção tendo visto o seu mandato renovado até 2015, data do seu falecimento. Num Sindicato composto maioritariamente por mulheres, cerca de 80% de associadas, integra desde muito cedo os grupos de trabalho sobre as mulheres, mantendo-se sempre ativa na luta reivindicativa dos trabalhadores.

Grande ativista social, não só no sindicato, mas também na defesa dos direitos das mulheres. Cedo se assume como feminista e associa-se à UMAR, onde também exerceu cargos de Direção. Entrecruzando com o feminismo, encontramos-na nas associações de defesa dos direitos LGBT, contribuindo com a sua generosidade e espontaneidade para o aprofundamento de lutas fraturantes na sociedade conservadora portuense.

Falando de Lurdes Domingues não podemos deixar de lembrar o seu passado político. Militante da UDP desde muito nova, adere ao Bloco de Esquerda desde a sua formação.

Mulher consciente e interessada no saber, encontrava-se a tirar a licenciatura em Educação Social, curso que não conseguiu concluir, devido a doença prolongada e que lhe ceifou a vida.

Para quem a conhecia era a Lurdinhas e para nós será sempre a nossa Lurdinhas. Embora pequenina de tamanho tinha um enorme coração e

uma extraordinária força para lutar por tudo o que achava ter relevância social e política.

Ana Lúcia Massas

Dirigente do Sindicato dos Trabalhadores
Da Saúde e Solidariedade Social



POR QUEM DEU TANTO, POR QUEM SE DEU TANTO

À Lurdes Domingues

Quando penso na Lurdes Domingues lembro-me mais do que tudo da sua constante curiosidade, da vontade em saber mais, em questionar e de nos fazer pensar. As conversas com a Lurdes eram sempre debates animados que nos traziam novas perspetivas. Questionava, colocava dúvidas, fazia-nos refletir, e era acima de tudo de uma disponibilidade e generosidade imensas.

Nas atividades que desenvolvi no Porto no âmbito quer do Clube Safo quer do Grupo LES, a Lurdes foi sempre uma presença constante. Representava a UMAR em muitos destes encontros, e era também em nome da UMAR que nos dava todo o apoio, como por exemplo, estar disponível ao fim de semana para assegurar a disponibilidade das instalações da UMAR para reunirmos e realizarmos atividades. A sua presença nos encontros e reuniões era sempre muito participativa, dava a sua opinião e colocava questões que nos obrigavam a repensar os nossos argumentos. Gostava e queria debater todos os assuntos com profundidade, revelando uma abertura de espírito fora do vulgar para abordar temas que muitas vezes sendo novos para ela, rapidamente passavam a ser incluídos na sua longa lista de lutas pela igualdade. Para assumir novos temas como mais uma das suas lutas pela igualdade, só existia um único requisito: estarem relacionados com alguma forma de discriminação ou desigualdade. Toda a sua reflexão e ação refletiam uma profunda convicção de que a igualdade deve ser uma realidade na vida de todas e de todos, e que todas as reivindicações são legítimas quando se contrapõem à normatividade da maioria que exclui e discrimina.

Tenho defendido a ideia de que o movimento LGBT em Portugal, e em particular o movimento lésbico, sempre contaram com o apoio

de movimentos feministas, sendo a UMAR a que mais se destaca. No caso específico do ativismo lésbico esta aproximação ainda tem maior expressão. Esta aliança teve no Porto uma das suas maiores representações na pessoa da Lurdes Domingues. A Lurdes representou a UMAR por diversos anos na comissão organizadora da Marcha de Orgulho do Porto. A sua postura sempre foi de mediadora e facilitadora do diálogo, entendia que todas e todos deveriam ter direito e espaço para expressarem as suas opiniões, e que só na negociação se poderia encontrar soluções que a todas e todos representassem. Para além da sua colaboração com o movimento LGBT em representação da UMAR, a Lurdes chegou a ser membro ativo de grupos ativistas LGBT de âmbito local. As lutas LGBT também eram as suas lutas, assumidamente heterossexual, entendia que o mais importante era a convergência de objetivos e de ideais e não as características de cada pessoa. O seu empenho e dedicação à causa LGBT foi exemplar, estava presente em diversos eventos e iniciativas, sempre disponível para novas ações. Testemunhando a sua disponibilidade para a intervenção social e política em diversas frentes, poderíamos considerar que tinha muita disponibilidade de tempo e económica para poder estar tão presente. No entanto, era exatamente o oposto, tinha um trabalho que a ocupava muito tempo e que era exigente fisicamente, para além de uma situação económica difícil, que tantas vezes afasta as pessoas do associativismo. Mas no seu caso, a Lurdes contrariava todas as expectativas e arranjava forma de ter tempo para participar e de dar a volta às limitações económicas. Nunca a falta de tempo ou, por exemplo, de transporte próprio a afastaram da intervenção. Se não havia transporte às horas em que acabavam as reuniões alguém amigo a levaria ou alguma forma haveria de arranjar.

Uma das suas lutas mais importante foi sem dúvida o sindicalismo que estava sempre presente nas intervenções que fazia noutros contextos e

noutras lutas. A dimensão socio económica que tanto determina das possibilidades de cada um e cada uma, nunca era esquecida por ela, relembrando a cada momento como os contextos específicos em que cada pessoa se move têm de ser tidos em conta. O movimento LGBT, assim como outros movimentos, muitas vezes fica demasiado centrado nas suas reivindicações específicas, remetendo para segundo plano outras questões, como por exemplo as questões laborais e de desigualdade socio económica. A Lurdes nunca deixava de integrar no debate estas questões contribuindo de forma decisiva para uma maior consciência social das atividades do movimento LGBT em que participava.

Foi com imenso orgulho e prazer que a Lurdes iniciou o seu percurso no ensino superior, valorizava o conhecimento e queria sempre ir mais além. Ao ingressar no curso superior de Educação Social, nos últimos anos da sua vida, envolveu-se em diversas atividades de intervenção e projetos, como não poderia deixar de ser. Era essencialmente uma mulher da intervenção, da luta social e política, em todas as áreas e contextos da sua vida.

Com um profundo sentimento de igualdade entre todos e todas, nos diversos contextos de que a vida é feita, no trabalho, nas relações afetivas, nos espaços públicos, nas sexualidades, e fundamentalmente tudo o que se cruzava com a igualdade de género, a Lurdes é uma figura incontornável do feminismo em Portugal. Deu muito às diversas lutas em que esteve envolvida, deu-se muito a todas e todos nós.

Um sorriso, uma boina, e uma pergunta sempre pronta, esta é a Lurdes que sempre nos acompanhará nas nossas lutas.

Eduarda Ferreira

Psicóloga e Investigadora
Ativista dos direitos LGBT



SORRISO E DETERMINAÇÃO NO OLHAR – UMA VIDA DE LUTAS QUOTIDIANAS

Elas sorriem quando querem gritar.

Elas cantam quando querem chorar.

Elas choram quando estão felizes.

E riem quando estão nervosas.

Elas brigam por aquilo que acreditam.

Elas levantam-se perante a injustiça.

Elas não levam “não” como resposta quando acreditam que existe melhor solução.

Estas belas estrofes de um poema de Pablo Neruda sobre as mulheres, fazem-me lembrar a Lurdes Domingues – “a nossa Lurdinhas”. Sorriso sempre presente, mesmo quando a raiva lhe crescia nos dentes perante as injustiças que sentia no dia-a-dia. “Militante dos quotidianos”, assim lhe chama a Maria José Araújo.

Feminista convicta, sindicalista, activista política, ela abraçava todas as causas com uma enorme determinação. A sua consciência de classe estava sempre presente nos debates feministas. Ela representava os setores de mulheres que deram corpo à UMAR nas suas origens em 1976. Nestes 40 anos da associação sentimos muito a sua falta. Ficámos mais pobres, sem dúvida. E o feminismo de compromisso social para a mudança ficou também mais pobre, porque a Lurdes tinha sempre presente os anseios e interesses das mulheres mais discriminadas de qualquer etnia ou orientação sexual. Representou a UMAR no movimento LGBT com a convicção de que como heterossexual devia estar nessa luta, porque as feministas tinham que abraçar todas as lutas pela igualdade de direitos.

Na longa história da UMAR, a Lurdinhas esteve sempre presente não só nas grandes lutas, como nos momentos mais difíceis da associação sempre com uma perspetiva positiva de vislumbrarmos os melhores caminhos para a intervenção feminista. Não falhava a uma manifestação, mas também não falhava às reuniões da direção e de debate político, mesmo tendo um trabalho difícil que lhe ocupava parte dos seus fins de semana.

A curiosidade intelectual da Lurdes Domingues levava a que se interrogasse não só sobre os grandes problemas do mundo, mas sobre as questões diárias que atravessavam a sociedade portuguesa. Essa interrogação constante desafiava-nos a não permanecer nas respostas já construídas, a buscar algo mais. Foi esse querer saber sempre mais, que a levou a inscrever-se no curso superior de educação social com uma alegria contagiante. A doença interrompeu-lhe esse sonho. Ela tinha a noção da gravidade da sua doença, mas ainda falava de que iria recuperar o tempo perdido com os tratamentos.

Atenta, sempre atenta à política, ela tinha um enorme desgosto de morrer sem ver cair o governo PSD/CDS. Felizmente ainda teve essa alegria. Da última vez que a visitei no hospital, já nos últimos momentos da sua vida ela teve consciência de que se estava a despedir e enviou para todas as companheiras da UMAR um abraço e um grande obrigada. Disse-lhe: “Nós, é que temos de te agradecer”. Depois, deixei-a com um sorriso nos lábios quando lhe disse: “Vais andar por aí a esvoaçar com a minha filha a ver tudo aquilo que nós andamos a fazer”.

Manuela Tavares



QUANDO OS SONHOS QUASE SE TORNAM REALIDADE

Há muitas histórias na história da Lurdes Domingues e nesse espaço cheio de histórias, que se calhar são apenas um tempo da sua vida ou da nossa vida com a Lurdes, vemos como que uma floresta, que se estende por todos os lados e não deixa passar toda a luz de tão densa que é. Neste texto, tivemos de fazer opções. A Lurdes vivia num curioso planeta onde se passavam coisas importantes, mas não tratava todos e todas por igual, e ela não gostava nada disso! Como escrevia Saint-Exupéry¹⁰ as coisas mais importantes são muitas vezes invisíveis aos nossos olhos - só com o coração as podemos ver. Assim acontecia com a Lurdes. Um coração apertado por um sentimento de urgência, num tempo curto e num espaço à justa, nessa densa floresta. Talvez esse seja o melhor retrato que podemos fazer dela. O retrato de uma estudante corajosa, militante empenhada e lutadora incansável de várias causas, que lutou até se esgotar!

Memórias de histórias de Lurdes Domingues

Paulo Freire, um dos autores preferidos da Lurdes Domingues, abriu caminho para a necessidade de se valorizarem as histórias de vida e portanto as memórias da nossa vida, como ponto de partida para pensar a formação enquanto atores sociais, nas suas palavras enquanto “sujeitos aprendizes”. Aprender a escrever a sua vida como autora, construtora e testemunha da sua história é um método de alfabetização que tem como pano de fundo a “Educação como prática de liberdade”. Uma prática comum na educação de adultos que a Lurdes foi aprofundando na oportunidade que teve ao longo da sua formação escolar (formal) no Ensino Superior (ES), onde entrou pelo contingente

10 O Príncipezinho

especial “maiores de 23”, para realizar um sonho: fazer a licenciatura em Educação Social. O rumo do seu processo como estudante criou diferentes projetos e foi mostrando que a conscientização não é apenas conhecimento ou reconhecimento do que é importante, mas sim opção, decisão e compromisso. Um compromisso que ela assumiu no dia em que se inscreveu no curso. *Foi um dos dias mais felizes da minha vida!*

Eu nunca imaginei poder entrar no Ensino Superior dizia, como vida com esta sua nova fase da vida, num tom de agradecimento aos professores e colegas, que foi desaparecendo à medida que ela tomava consciência de que estudar no ensino superior é um direito que está ao alcance de todos/as. Mas se ainda não está, devia estar, concluía ela numa aula de sociologia da educação e à medida que percebia as causas e efeitos das políticas neoliberais na educação, que ela tão bem conhecia de outras situações e contextos da sua vida. Confrontada com a análise sobre a escola e a educação, a Lurdes ia verbalizando nas aulas, sobretudo nos primeiros meses, o seu agrado por perceber melhor todo o mecanismo da escola de massas, da socialização, da teoria da educação, das políticas e das políticas educativas. Era frequente ouvi-la - a meio de uma aula - *Isso mesmo!*. O olhar e atenção da Lurdes - sempre sentada na primeira fila - mostravam bem o significado que tinha para ela pertencer àquele mundo. Quem conhece a Lurdes pode até imaginá-la a verbalizar esse seu quase suspiro, espanto concreto e objetivo que confirmava o que a vida já lhe tinha ensinado.

Tinha a ideia de que era somente para algumas pessoas e conformava-me com isso (dizia ... rindo-se), até achava normal que fosse só para os mais inteligentes (...), uma ideia que nos vem dos poderosos. É isso mesmo, nada é por acaso. Percebo isso agora. Mas mesmo assim, sinto-me grata porque entrei com ajuda para estudar, para perceber o que

ia fazer e, como é tudo muito difícil para mim, também não sei se vou conseguir.

A sua simplicidade e ingenuidade misturava-se com a sua insubmissão e resistência. Um quase paradoxo. O maior drama eram as tecnologias de informação e comunicação. Os computadores - como ela bem explicitava inicialmente. Embirrava com os equipamentos. Mas a Lurdes não se deixava abalar: falava com os professores, ficava no fim da aula para saber mais qualquer coisa, fazia perguntas... ia-se espantando e percebendo que tinha uma vida plena de conhecimentos e histórias, plena de aprendizagens, que poderia agora rentabilizar. Participou num estudo sobre a integração dos estudantes no Ensino Superior e para ela todas as questões eram, num primeiro momento, um mistério que ia desvendando à medida que ia compreendendo que, ali, a idade podia até ser uma vantagem. Mais velha do ponto de vista etário e mais nova do ponto de vista académico, a Lurdes foi construindo uma sociabilidade, uma relação de entreajuda com os e as outras estudantes que permitia ultrapassar os constrangimentos que a academia e o preconceito criam e até impõem a quem se inicia neste nível de estudo, seja ou não pelo contingente geral. Passou pela fase do desconhecido estonteante, pela fase do maternalismo e discutia nas aulas com alguma ingenuidade. Ficava incomodada quando os/as colegas falavam para o lado e não respeitavam o silêncio que é necessário para ouvir os/as professores/as nas aulas mais expositivas. *Tantos anos esperei para chegar até aqui e há estudantes que não estão atentos/as?.* Com o tempo foi ajustando o seu discurso e as suas ideias ao contexto académico, foi tentando perceber que não era o seu papel “ralhar” - chamar à atenção - às suas colegas. Se o fizesse deixava de ser mais uma para ser aquela que ralha, porque é mais velha! Passava a ser a moralista, a cota. *É mesmo isso, eu não quero isso.* Os trabalhos académicos eram sofridos e implicados, como aliás

o são para qualquer estudante que queira aprender, mas a Lurdes não sabia disso e portanto demorou a perceber que tudo se passa com todos e todas - não se passava só com ela.

A integração é sentida de forma muito diferente por cada estudante e depende de fatores pessoais, sociais, culturais, financeiros, logísticos. Escrevia ela com orgulho de quem começa a sentir os efeitos das aprendizagens na academia. Os conceitos iam sendo interiorizados e, para combater as dificuldades semânticas e linguísticas, a Lurdes adquiriu um dicionário. Pediu opinião a um docente e explicou:

Como não vou à net ver, assim já posso ir trabalhando em casa e tirar as minhas dúvidas. E acrescentava com confiança: eu já me organizei. Peço a uns e outros para irem comigo ver os artigos que estão na Moodle, às vezes imprimo e vou estudando.

Esta persistência ajudava a construir a solidariedade com o conhecimento e com as pessoas.

A Lurdes não teve uma vida fácil e se a sorte existe bateu poucas vezes na sua porta. Outrora menina tinha um projeto: entrar para a escola para aprender a ler, a escrever, a ver e a ouvir histórias. Mas não conseguiu prosseguir, primeiro porque a professora queria ensinar coisas que não eram as que ela queria aprender, e segundo porque o pai teve de fugir da PIDE, deixando-a com a mãe e dois irmãos mais novos. Ela então desistiu de estudar para ajudar a mãe a criar os outros filhos. Foi uma opção difícil, em nome da família, num tempo duro de muitas desilusões. Do pai, chegavam as cartas de França que a deixavam muito feliz, mas não chegava o dinheiro para ela voltar à escola.

Sempre que aparecia uma carta com notícias frescas do meu pai era uma alegria e o meu pai enviava uma tampa de caixa de fósforos para

cada um de nós, com fotografias de castelos. Nós guardávamos como se de um tesouro se tratasse. As notícias que a minha mãe lia era de que ainda não podia voltar porque podia ser preso. Tinha saudades nossas mas não podia voltar. O meu avô dizia que tinha de ter coragem porque ele tinha de acreditar que um dia iríamos estar todos juntos.

Resignada com a sua história mas com a determinação de a modificar, a Lurdes escreveu num trabalho académico:

Antes do 25 de Abril, nem todos iam à escola, só os que tinham posses. Para vivermos com um mínimo, eu tive de ir trabalhar. Felizmente, hoje, é obrigatório ir à escola e há outros apoios. Eu trabalhei muito e nem sempre fui bem tratada. (...) tenho uma dor é que os meus irmãos não reconhecem o que já fiz por eles e não compreendem a vontade que tenho em estudar. Não me deram nenhum incentivo. Pelo contrário, queriam que eu desistisse e ficasse em casa a tomar conta da mãe. Acham-me velha para os estudos. Mas eu não vou desistir!

Escrever e pensar sobre a educação e as práticas familiares levou-a a compreender melhor a fluidez do conceito. A vida da Lurdes não tinha sido facilitada pela sua família biológica em nenhuma altura. Nem antes nem agora. Uma espécie de déjà-vu. Ficou triste mas mais forte e determinada, lutou sobretudo com um dos irmãos que não compreendia que esta seria talvez a última oportunidade de cumprir um sonho. Demorou mas não tardou e foi praticamente no fim da vida da Lurdes que ele lhe pediu desculpa pelo seu egoísmo e incompreensão.

À medida que ia objetivando o seu mundo, ia encontrando coincidências e recriando crítica e sistematicamente a sua cultura. Tentava não se deixar aprisionar nos mecanismos linguísticos, nas palavras, mas procurava outras para expressar e escrever a sua história neste novo

mundo. Foi nas aulas de sociologia que o conceito de pobreza, que ela tão bem conhecia, se manifestou da maior utilidade.

Quando íamos comprar, por exemplo, uns sapatos, eu já sabia que não podia trazer uns que fossem muito caros e cada um de nós ia à vez porque a minha mãe não tinha dinheiro para comprar para todos ao mesmo tempo. Mas ela levava um chocolate da Regina para os que ficavam em casa. Comíamos o chocolate com bolachas e café fingindo que estávamos na confeitaria da Avenida dos Aliados. Posso dizer que sei brincar e viver ao faz-de-conta (...).

Brincar era uma das temáticas que ela gostava de trabalhar nas aulas. Lia tudo avidamente e ficava emocionada por, afinal, já saber tantas coisas que nunca tinha percebido serem tão importantes na formação de um/a adulto/a, na formação de uma estudante do Ensino Superior. *Oh professora nunca pensei que houvesse aulas sobre a importância de brincar.* E ela sabia, e da maneira mais dura, tanto sobre o assunto. Lembrava-se da sua infância e da mãe que só tinha tirado a 3ª classe, mas era muito inteligente e ingênua. Lia-lhes histórias e para não ser sempre a mesma inventava com desenhos.

A minha mãe fazia os nossos brinquedos, mostrava-nos e lia o jornal de uma ponta à outra. O jornal tinha palavras cruzadas, receitas e adivinhas.

As aulas sobre infância e ludicidade lembravam-lhe as brincadeiras antes de mudar para a casa nova. Revivia a vida em profundidade crítica, refletindo sobre o que pensava ser menor e dando-lhe agora uma grandeza e humanidade que ultrapassava as suas expectativas. Fazia descobertas em cada memória e fazia novas memórias de cada descoberta. Um processo dialético rico e intenso.

Antes de vir viver para este bairro, vivia numa ilha situada na Rua da Alegria. Fomos estrear uma casa nova no bairro do Viso que tinha sido inaugurada pelo Presidente da República (na altura o Américo Tomás). A minha mãe foi, com o meu avô, receber a chave e lembro-me que não ficamos muito contentes porque não tinha quintal... para brincar. Cresci no bairro com outras crianças e ainda hoje, apesar de não conhecer a maioria das pessoas, não tenho receio de lá viver, porque toda a gente se conhece e os vizinhos tratam uns dos outros. (...) Não há só rixas nos bairros. Há gente que sofre, que vive... A minha rua, o meu bairro, o melhor sítio onde vivi e onde vivo até agora.

Nas aulas rentabilizava os seus conhecimentos, expressava-se expressando o seu mundo, algo que não estava à espera. Ela gostava da sensação e temia que acabasse porque se sentia doente. Aprendia coisas novas, trocava ideias e dava contributos para o debate. As suas constantes perguntas eram quase sempre motivo para refletir sobre os conteúdos escolares de forma muito diferente da habitual. Às vezes tinha consciência que perguntava muitas coisas e não queria estar sempre a perguntar para não a acharem “chata”, mas não resistia e lá estava de novo a perguntar. Melhorava perspetivas, ganhava confiança e queixava-se de não ter tempo para ler tudo o que queria. *Tenho vontade mas não tenho tempo.* Um tempo que ia diminuindo, à medida que a atenção com a mãe e a falta de solidariedade dos irmãos, mas também a saúde a deixavam esgotada.

Militante do quotidiano

Havia um passado no presente da Lurdes que a tornava numa incansável militante do quotidiano. Meteu-se na política e nas “lutas sociais” porque viveu na pele a experiência da exploração. A luta pelos

direitos laborais levou-a até ao sindicato. O trabalho no sindicato sobre o emprego deu o mote para o exercício escolar.

Posso antes falar? É que eu tenho alguma dificuldade em escrever. No sindicato nós lutamos pelo estatuto dos educadores sociais e eu fiquei sempre com vontade de fazer esse curso. Até fomos ao Parlamento por causa disso.

É verdade que a Lurdes foi uma das principais protagonistas da luta pelo estatuto da profissão do/a educadora social. Uma luta que fez com o seu grande amigo e colega sindical Eduardo Valdez. Generosa como poucas - nas palavras de quem a conheceu - multiplicava-se por todas as solidariedades. Ativista laboral, militante feminista, esteve na organização das marchas LGBT no Porto e na defesa dos utentes dos centros de saúde, na Associação de moradores entre tantos outros movimentos e causas sociais. A Lurdes tinha uma energia inesgotável. Numa entrevista a um órgão da comunicação social explicava como organizava a sua agenda para conseguir cumprir todos os seus compromissos. Não deixava por mão alheia a luta pela liberdade, pela igualdade de oportunidades, pelos direitos das mulheres. Foi na UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta, que ela aprendeu e fez aprender o que é lutar pelos feminismos, pela igualdade de oportunidades. O que é fazer valer um direito, tomar posição, contrariar o estereótipo, mostrar que não se deve ter medo, lutar pelo que se quer. Ser solidária. Mas atenção, prevenia:

Se é preciso eu vou. Mas estas lutas não são fáceis.

Fiz a campanha do aborto. As marchas ... Estive sempre lá.

Fazem-se coisas tão importantes!

Falava nas aulas com orgulho do seu envolvimento nos movimentos sociais. A palavra camarada foi por ela adotada como a mais importante de qualquer vocabulário.

Temos esta história, esta dedicação. A gente faz tudo pelos nossos/as camaradas. Eu gosto que me informem, mas confio. Fui assim habituada.

Há, com certeza, muitas histórias boas e más que muitos e muitas conhecem e outras que somente a Lurdes nos poderia contar. Quem a conhecia bem sabia que ela vivia apertada, guardava tudo, aceitava quase todas as ofertas, porque precisava muito de poupar. Vivia com muitas dificuldades financeiras, um orçamento inacreditavelmente reduzido. Estas dificuldades levaram-na a inventar um porta moedas anti-ladrão, como ela lhe chamou. *Tenho muito pouco dinheiro e tenho de dividir logo no início do mês, senão não chega. Se me roubarem três euros é menos uma refeição que faço.* Por isso, pedi a um amigo que fumava cigarrilhas se me dava uma caixa de metal. O seu porta moedas de metal fazia barulho alertando-a. *Assim não me roubam, porque faz logo barulho.* Estudou e lutou até ao dia em que isso deixou de ser possível. Penso que a melhor homenagem que lhe poderemos fazer é continuarmos diariamente esta solidariedade que a Lurdes transpirava e que fazia dela uma mulher que enfrentava batalhões. Há quem acorde de um belo sonho, a Lurdes foi obrigada a adormecer durante o seu.

Maria José Araújo

Professora na Escola Superior de Educação
Instituto Politécnico do Porto



CARTA À NOSSA QUERIDA LURDINHAS

Querida Lurdinhas:

Escrevo-te com muitas saudades, tantas que me apertam o coração. Nestas linhas, vou dizer-te muitas das coisas que não tive oportunidade de partilhar contigo, porque pensamos sempre que temos tempo para falar mais tarde. Nunca prevemos que esses adiamentos podem vir a ser interrompido pela morte.

Tenho tanto para te dizer que estas páginas não serão suficientes. Todavia, serão um princípio de tudo aquilo que ficou por dizer.

Nunca te disse que tu para mim foste um exemplo de generosidade e de militância, de dádiva e entrega, de atenção às pessoas. Lembro com saudade como nos chamavas à atenção para situações específicas de outras pessoas, tuas colegas ou amigas, de como conhecias os problemas que cada pessoa enfrentava e como te preocupavas com encontrar formas para promover estratégias para a resolução dos problemas.

Cada problema que trazias, cada situação que te preocupava mostrava o teu cuidado com as pessoas, a tua atenção, a tua capacidade para analisar cada problema, na complexidade das relações familiares e/ou laborais. Lembro-me e gostava de to ter dito, como mostravas as tuas qualidades de análise de problemas e das situações, e um pensamento estratégico para encontrar soluções. Como eras capaz de, com o teu jeitinho, ir falando com companheiras e camaradas, para inventar caminhos, reunir recursos (os possíveis), mobilizar energias para conseguir as condições para ultrapassar cada problema. Recordo com saudade, como vivias a urgência de resolver o problema de cada pessoa, e como sentias a empatia, partilhando as dores das outras pessoas.

Num jantar, num café, a conversa nunca era fútil, e eras tu quem tinha sempre o cuidado de chamar para um ou outro problema urgente de alguém. Às vezes, admirava-me não apenas com a tua generosidade, mas com o detalhe da tua análise da situação, e a abrangência e extensão de conhecimentos que mostravas, assim como o grande número de pessoas que conhecias com familiaridade.

Foste tu, Lurdinhas, quem me mostrou o lado de dentro da UMAR, que eu conhecia de fora até ter entrado na nossa organização. Tu e a Esmeralda Mateus passaram o testemunho do que era a UMAR nos anos do pós-25 de Abril, as iniciativas em conjunto, entre todas as associadas, como se encontravam, em excursões, viagens, assembleias gerais. Como eram tantas! Tantas mulheres juntas, que conseguiam reunir-se, conversar entre si, participar nas iniciativas. Um tempo formador para uma associação feminista, num país sem tradição de organizações de mulheres feministas e, na altura, com grande tradição de organizações “femininas” instrumentalizadas ao serviço do anterior regime, fascista e machista. Talvez o tempo revolucionário da época tenha criado condições objetivas para essa mobilização. Eu ouvia sempre com saudade retrospectiva, pensando se haverá novos tempos em que consigamos mobilizar as mulheres (muitas) para as causas das lutas pelos seus direitos. Também era um tempo de grandes mobilizações, em que a rua e o debate coletivo foram conquistados. Mas, hoje, olhando para trás, sentimos uma democracia com défice de vivência de cidadania, e, de alguma forma, não conseguimos passar esta mensagem às/ aos jovens, pelo menos suficientemente.

No que contavas sobre estas mobilizações e iniciativas, o que mais me surpreendia era o facto de serem muitas mulheres trabalhadoras e dos setores populares, num tempo em que o país saía de longas décadas de

muita pobreza e alguma miséria, quando o dinheiro escasseava, não apenas na grande maioria das vidas das mulheres, mas também das organizações. E tu contavas, com pormenor, a alegria de estarem juntas, como aprendiam em conjunto, como cresciam juntas.

A tua generosidade ia para lá da atenção e análise. Foste para mim, sempre, o exemplo do sindicalismo comprometido. A tua consciência sindical tinha uma profundidade que sempre me surpreendeu. A noção da representatividade de classe, da capacidade de organização em coletivo dos interesses individuais de cada trabalhador ou trabalhadora. A consicência e a ação de ir a cada instituição resolver conflitos laborais com todo o tacto, sempre em luta pelos direitos da/o trabalhador/a, em negociações com as entidades patronais. Lembro de conversarmos os três, ou melhor, vocês os dois, tu e o Vladrez, comigo, sobre o decorrer de alguns processos de negociação, sobre as dificuldades do sindicalismo nesse setor, muito dividido por instituições muito diferentes, na sua maioria mulheres. Um setor permeado, na sua maioria, por uma grande sujeição às direções, num gande isolamento, num trabalho sem carreira profissional.

Por isso, Lurdinhas, te quero dizer como te admirava, pela tua perseverança, às vezes, parecia-me, até, que a tua dedicação às causas das/os trabalhadores/as te tirava muito tempo a ti própria, e os problemas eram tão pesados e tão difíceis de resolver que eu sentia-te a esgotar as tuas energias, mas a tua força anímica nunca diminuía. Recordo também como te preocupavas com integrar as questões das mulheres no movimento sindical, de como não é fácil esta articulação de agendas. Se o 8 de Março era uma efeméride que não se esquecia, as iniciativas sobre as causas feministas no sindicato se não eram mais era por falta de disponibilidade por parte das umaristas do Porto. A

violência doméstica, o assédio sexual no trabalho, entre muitos outros temas, foram discutidos em diversos momentos, ocupando vários espaços públicos.

Talvez pelo teu papel como dirigente sindical e o do Valdez, o que é certo é que foi esse o sindicato que mais pedidos nos fez para iniciativas relativas às reivindicações para os direitos das mulheres no mundo sindical. Quero dizer-te, nesta missiva, que hoje lamento não termos tido possibilidade de corresponder às tuas ideias de iniciativas junto das mulheres trabalhadoras. Uma das ações que ficou por realizar enquanto estavas connosco foi ir a vários pontos do país falar com as trabalhadoras das instituições abrangidas pelo teu sindicato. Fomos adiando, adiando, e a morte pregou-nos a partida e não pudemos concretizar.

Ainda hoje me lembro também da tua revolta de a UMAR não ser convidada pela CGTP, aqui no Porto, pela União de Sindicatos do Porto (USP), para participar no desfile do 1º Maio e poder ter direito a tomar a palavra no palanque dos discursos no final do desfile. Quando nos aproximávamos do 1º de Maio, na reunião do secretariado da UMAR do Porto, perguntavas sempre: “A UMAR não recebeu o convite para participar?!” E se, para muitas de nós, esta situação era aceite como um dado adquirido, tu, Lurdinhas, ficavas sempre revoltada e tenho a certeza que chegavas às reuniões sindicais e reivindicavas o direito da UMAR participar com voz ativa também nesse momento simbólico das lutas dos/as trabalhadoras.

Havia também as comemorações do 25 de Abril no Porto. Tu não te esquecias, a cada ano que passava, como plataforma de organizações e partidos que organizam esta efeméride no Porto sistematicamente obliterava a participação da UMAR. Mas tu nunca desistias.

Lembro-me de ti, também, na Plataforma Pelo Direito de Optar, mais concretamente aquando do Julgamento da Maia - das 17 mulheres que abortaram quando ainda era ilegal, da Enfermeira Maria do Céu, e de outros profissionais que as ajudaram, incluindo o assistente social “Chalana”. O que foram essas reuniões, no debate para encontrarmos a melhor estratégia para mostrar a nossa solidariedade com as mulheres e os/as profissionais, e, simultaneamente, que pudesse servir para consciencializar a opinião pública para o facto de que a criminalização do aborto penalizava sobretudo as mulheres mais pobres — como bem recordamos, a mulher que foi condenada foi aquela cujo percurso de vida tinha sido o mais difícil — e de setores mais desprivilegiados.

Estiveste sempre que a tua profissão permitiu, connosco, na Maia, mostrando publicamente a nossa revolta pela violência daquela lei, que, felizmente, entretanto, mudou. Violência e hipocrisia. E o julgamento da Maia prolongou-se por diversos meses (de outubro 2001 a 17 janeiro 2002), e, apesar da tua sobrecarga de trabalho, das tuas responsabilidades familiares e do teu ativismo sindical, ali estiveste connosco em frente ao Pavilhão de Ténis.

E recolhemos tantas assinaturas para o novo referendo! Como eras fantástica na Rua de Santa Catarina, ou em frente a Serralves, a recolher assinaturas!

Festejamos, mais na intimidade, a vitória do SIM! Que alegria. Como as mulheres, muitas mães e mulheres mais jovens nos vieram contar que, logo a seguir ao referendo, até as expressões das pessoas nos serviços mudaram, passando a ser mais atenciosas com as mulheres. O que não quer dizer que tudo corra bem para uma mulher, mais ou menos jovem, que decida interroper a sua gravidez. Mas sentimos que conseguimos

mais uma vitória, a par dos serviços de apoio às vítimas de violência, do direito ao salário igual, do estatuto da vítima, da paridade.

Querida Lurdinhas, quero também dizer-te como eras importante no secretariado da UMAR no Porto, em todos os anos desde que entrei para a UMAR. Eras tu que fazias a ligação com as dinâmicas políticas, sobretudo do Porto, mas também a nível nacional. Não to cheguei a dizer na altura, porque esta consciência ficou ainda mais clara quando, agora, não podemos contar com esse teu contributo. Leitora atenta e diária do JN, estavas sempre informada sobre o que se passava. E com o teu jeito que, muitas vezes, iniciava: “vocês desculpem, mas sabem que...?” E lá nos informavas sobre uma medida do governo, um acontecimento político nacional ou local. E pela tua mão, o debate político emergia nas nossas reuniões, daquela forma anárquica que caracteriza o nosso secretariado.

Como eras importante no secretariado da UMAR! Representaste a UMAR, durante longos anos, e desde o início, na Marcha do Orgulho Gay no Porto. Através de ti, ficávamos a par do debate político e das tensões no movimento LGBT — tensões que existem em todos os movimentos sociais, embora de modos diferentes. As questões em debate vinham para o nosso seio, e aprendíamos contigo. Sentimos a tua falta.

Para terminar esta missiva, quero voltar a felicitar-te pela tua força para concretizar o teu sonho de entrar no ensino superior. A tua generosidade fez com tivesses ido trabalhar muito cedo, ainda criança, para ajudar os teus irmãos a fazer um curso superior, e não tiveste oportunidade de entrar na universidade quando fizeste a escola básica. E esse teu sonho esteve sempre presente, mas o trabalho pesava, as horas e as tarefas do cuidar institucional não deixavam espaço nem tempo para preparares a tua candidatura à universidade. Nas nossas conversas, até nos jantares

lá em casa, lembravas como a Fina D'Armada foi tua professora, de como ela te incentivou a continuar a estudar e como te lembravas da consciencialização feminista que ela já inseria nas suas aulas. E tiveste força, tiveste capacidade, mostraste conhecimento, e conseguiste. Os/As tuas/teus colegas de curso estavam lá na despedida final.

Sei que nada na vida conseguimos sem a ajuda, e somos umas para as outras. Lembro, assim, como a Maria José Araújo e a Luísa Reis eram mais duas amigas e umaristas que faziam parte desta rede de inter-ajuda e de sororidade entre nós.

E foi a entrar para um ensaio do coro do PRATI, ao cimo das escadas, que a Ilda Afonso me informa do teu diagnóstico, quase na véspera de Natal. E a tristeza abalroou-nos. Subias as escadas do PRATI, confirmaste a informação, e a tua expressão dizia da tua determinação para lutar contra a doença.

Querida Lurdinhas, lembro ainda as nossas calorosas conversas, à noite, a caminho de tua casa, muitas vezes, prolongando-se pelas primeiras horas da madrugada, um momento de extensão do debate político e de confidências entre amigas.

Desses momentos todos, tenho muitas saudades tuas. Tenho saudades de ti.

Amiga, companheira, irmã!

Maria José Magalhães

Presidente da UMAR
Professora Universitária

FICHA TÉCNICA

Título: Memória e Feminismos: os lugares e os saberes, nas margens do Porto

Coordenação do projeto: Teresa Sales

Equipa editorial: Carla Kristensen, Manuela Tavares e Teresa Sales

Ilustração de capa: Ana Paula Canotilho

Conceção gráfica: Manuel Diogo

Impressão gráfica: SEXTACOR, Soluções Gráficas, Lda

Edição: UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta/Projeto Memória e Feminismos:
Os lugares e os saberes.

Rua da Cozinha Económica, Bloco D, Espaços 30M e 30N

1300-149 LISBOA

Tel: 218 887 005 | Fax: 218 884 086

E-mail: umar.sede@sapo.pt

Depósito Legal:

Tiragem: 200 exemplares

Agradecemos a todas as mulheres que deram o seu rosto e parte da sua história de vida, a este projeto *Memória e Feminismos: Os lugares e os Saberes nas margens do Porto*.

Agradecemos a Ana Massas, Eduarda Ferreira, Manuela Tavares, Maria José Araújo e Maria José Magalhães, os textos que dedicaram a Lurdes Domingues.

Este livro foi subsidiado pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG).

Nem todos os textos seguem o novo acordo ortográfico.

